



# Marília de DIRCEU

Tomás António  
Gonzaga

Edição especial da FUVES

ARTES DE CAPA E ILUSTRAÇÕES: ALICE DRAGO

REVISÃO ORTOGRÁFICA: JULIANA MORAES

REVISÃO: THAYS OYAKAWA

LOGÍSTICA DE PROJETO: DANIELA CARDOSO

**VENDA PROIBIDA**

TEXTO PROVENIENTE DE:

PORTAL DOMÍNIO PÚBLICO

[HTTP://WWW.DOMINIOPUBLICO.GOV.BR/](http://www.dominiopublico.gov.br/)

TEXTO-BASE DIGITALIZADO:

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

MARÍLIA DE DIRCEU

ISBN 978-65-984419-2-0

MARILIA DE DIRCEO

TÍTULO ALTERNATIVO: MARÍLIA DE DIRCEU

TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA

FONTE DA OBRA ORIGINAL:

LISBOA: TYPOGRAPHIA NUNESIANA, 1792

Marília de  
DIRCEU



## PARTE I

### Lira I

Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,  
Que viva de guardar alheio gado;  
De tosco trato, de expressões grosseiro,  
Dos frios gelos e dos sóis queimado.  
Tenho próprio casal e nele assisto;  
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite;  
Das brancas ovelhinhas tiro o leite  
E mais as finas lãs de que me visto.

Graças, Marília bela,  
Graças à minha Estrela!

Eu vi o meu semblante numa fonte,  
Dos anos inda não está cortado;  
Os Pastores, que habitam este monte,  
Respeitam o poder de meu cajado.  
Com tal destreza toco a sanfoninha,  
Que inveja até me tem o próprio Alceste:  
Ao som dela concerto a voz celeste;  
Nem canto letra que não seja minha.

Graças, Marília bela,  
Graças à minha Estrela!

Mas tendo tantos dotes da ventura,  
Só apreço lhes dou, gentil Pastora,  
Depois que teu afeto me segura,  
Que queres do que tenho ser Senhora.  
É bom, minha Marília, é bom ser dono  
De um rebanho, que cubra monte e prado;

Porém, gentil Pastora, o teu agrado  
Vale mais que um rebanho e mais que um trono.

Graças, Marília bela,  
Graças à minha Estrela!

Os teus olhos espalham luz divina,  
A quem a luz do Sol em vão se atreve;  
Papoula ou rosa delicada e fina  
Te cobre as faces, que são cor da neve.  
Os teus cabelos são uns fios d'ouro;  
Teu lindo corpo bálsamos vapora.  
Ah! não, não fez o Céu, gentil Pastora,  
Para glória de Amor igual Tesouro.

Graças, Marília bela,  
Graças à minha Estrela!

Leve-me a sementeira muito embora  
O rio sobre os campos levantado;  
Acabe, acabe a peste matadora,  
Sem deixar uma rês, o nédio gado.  
Já destes bens, Marília, não preciso;  
Nem me cega a paixão, que o mundo arrasta;  
Para viver feliz, Marília, basta  
Que os olhos movas e me dês um riso.

Graças, Marília bela,  
Graças à minha Estrela!

Irás a divertir-te na floresta,  
Sustentada, Marília, no meu braço;  
Aqui descansarei a quente sesta,  
Dormindo um leve sono em teu regaço;  
Enquanto a luta jogam os Pastores,  
E emparelhados correm nas campinas,



Toucarei teus cabelos de boninas,  
Nos troncos gravarei os teus louvores.

Graças, Marília bela,  
Graças à minha Estrela!

Depois que nos ferir a mão da Morte,  
Ou seja neste monte ou noutra serra,  
Nossos corpos terão, terão a sorte  
De consumir os dois a mesma terra.  
Na campa, rodeada de ciprestes,  
Lerão estas palavras os Pastores:  
“Quem quiser ser feliz nos seus amores,  
Siga os exemplos que nos deram estes.”

Graças, Marília bela,  
Graças à minha Estrela!

### Lira II

Pintam, Marília, os Poetas  
A um menino vendado,  
Com uma aljava de setas,  
Arco empunhado na mão;  
Ligeiras asas nos ombros,  
O tenro corpo despido,  
E de Amor ou de Cupido  
São os nomes que lhe dão.

Porém eu, Marília, nego,  
Que assim seja Amor, pois ele  
Nem é moço nem é cego,  
Nem setas nem asas tem.  
Ora pois, eu vou formar-lhe





Um retrato mais perfeito,  
Que ele já feriu meu peito;  
Por isso o conheço bem.

Os seus compridos cabelos,  
Que sobre as costas ondeiam,  
São que os de Apolo mais belos,  
Mas de loura cor não são.  
Têm a cor da negra noite;  
E com o branco do rosto  
Fazem, Marília, um composto  
Da mais formosa união.

Tem redonda e lisa testa,  
Arqueadas sobranceiras,  
A voz meiga, a vista honesta  
E seus olhos são uns sóis.  
Aqui vence Amor ao Céu,  
Que no dia luminoso  
O Céu tem um Sol formoso,  
E o travesso Amor tem dois.

Na sua face mimosa,  
Marília, estão misturadas  
Purpúreas folhas de rosa,  
Branças folhas de jasmim.  
Dos rubins mais preciosos  
Os seus beijos são formados;  
Os seus dentes delicados  
São pedaços de marfim.







Mal vi seu rosto perfeito,  
Dei logo um suspiro e ele  
Conheceu haver-me feito  
Estrago no coração.  
Punha em mim os olhos, quando  
Entendia eu não olhava;  
Vendo que o via, baixava  
A modesta vista ao chão.

Chamei-lhe um dia formoso;  
Ele, ouvindo os seus louvores,  
Com um gesto desdenhoso  
Se sorriu e não falou.  
Pintei-lhe outra vez o estado  
Em que estava esta alma posta;  
Não me deu também resposta,  
Constrangeu-se e suspirou.

Conheço os sinais; e logo,  
Animado de esperança,  
Busco dar um desafio  
Ao cansado coração.  
Pego em seus dedos nevados,  
E querendo dar-lhe um beijo,  
Cobriu-se todo de pejo,  
E fugiu-me com a mão.

Tu, Marília, agora vendo  
De Amor o lindo retrato,





Contigo estarás dizendo  
Que é este o retrato teu.  
Sim, Marília, a cópia é tua,  
Que Cupido é Deus suposto:  
Se há Cupido, é só teu rosto,  
Que ele foi quem me venceu.

### Lira III

De amar, minha Marília, a formosura  
Não se podem livrar humanos peitos:  
Adoram os heróis e os mesmos brutos  
Aos grilhões de Cupido estão sujeitos.  
Quem, Marília, despreza uma beleza

A luz da razão precisa,  
E se tem discurso, pisa  
A Lei, que Ihe ditou a Natureza.

Cupido entrou no Céu. O grande Jove  
Uma vez se mudou em chuva de ouro;  
Outras vezes tomou as várias formas  
De General de Tebas, velha e touro.  
O próprio Deus da Guerra desumano

Não viveu de amor ileso:  
Quis a Vênus e foi preso  
Na rede, que Ihe armou o Deus Vulcano.

Mas sendo amor igual para os vivos,  
Tem mais desculpa, ou menos esta chama:  
Amar formosos rostos acredita,  
Amar os feios de algum modo infama.



Quem lê que Jove amou, não lê nem topa,  
Que ele amou vulgar donzela:  
Lê que amou a Dânae bela,  
Encontra que roubou a linda Europa.

Se amar uma beleza se desculpa  
Em quem ao próprio Céu e terra move,  
Qual é a minha glória, pois igualo  
Ou excedo no amor ao mesmo Jove?  
Amou o Pai dos Deuses Soberano  
Um semblante peregrino;  
Eu adoro o teu divino,  
O teu divino rosto, e sou humano.

#### Lira IV

Marília, teus olhos  
São réus e culpados  
Que sofra e que beije  
Os ferros pesados  
De injusto Senhor.  
Marília, escuta  
Um triste Pastor.

Mal vi o teu rosto,  
O sangue gelou-se,  
A língua prendeu-se,  
Tremi e mudou-se  
Das faces a cor.  
Marília, escuta  
Um triste Pastor.



A vista furtiva,  
O riso imperfeito,  
Fizeram a chaga,  
Que abriste no peito  
Mais funda e maior.

Marília, escuta  
Um triste Pastor.

Dispus-me a servir-te;  
Levava o teu gado  
À fonte mais clara,  
À vargem e prado  
De relva melhor.

Marília, escuta  
Um triste Pastor.

Se vinha da herdade,  
Trazia nos ninhos  
As aves nascidas,  
Abrindo os biquinhos  
De fome ou temor.

Marília, escuta  
Um triste Pastor.

Se alguém te louvava,  
De gosto me enchia;  
Mas sempre o ciúme  
No rosto acendia  
Um vivo calor.





Marília, escuta  
Um triste Pastor.

Se estavas alegre,  
Dirceu se alegrava;  
Se estavas sentida,  
Dirceu suspirava  
À força da dor.

Marília, escuta  
Um triste Pastor.

Falando com Laura,  
Marília dizia;  
Sorria-se aquela  
E eu conhecia  
O erro de amor.

Marília, escuta  
Um triste Pastor.

Movida, Marília,  
De tanta ternura,  
Nos braços me deste  
Da tua fé pura  
Um doce penhor.

Marília, escuta  
Um triste Pastor.

Tu mesma disseste  
Que tudo podia  
Mudar de figura,  
Mas nunca seria



Teu peito traidor.

Marília, escuta

Um triste Pastor.

Tu já te mudaste;

E a Olaia

frondosa,

Aonde escreveste

A jura horrorosa,

Tem todo o vigor.

Marília, escuta

Um triste Pastor.

Mas eu te desculpo,

Que o fado tirano

Te obriga a deixar-me,

Pois busca o meu dano

Da sorte que for.

Marília, escuta

Um triste Pastor.

### Lira V

Acaso são estes

Os sítios formosos,

Aonde passava

Os anos gostosos?

São estes os prados,

Aonde brincava,

Enquanto pastava

O manso rebanho





Que Alceu me deixou?

São estes os sítios?

São estes; mas eu

O mesmo não sou.

Marília, tu chamas?

Espera que eu vou.

Daquele penhasco

Um rio caía;

Ao som do sussurro

Que vezes dormia!

Agora não cobrem

Espumas nevadas

As pedras quebradas:

Parece que o rio

O curso voltou.

São estes os sítios?

São estes; mas eu

O mesmo não sou.

Marília, tu chamas?

Espera que eu vou.

Meus versos, alegre,

Aqui repetia;

O Eco as palavras

Três vezes dizia.

Se chamo por ele,

Já não me responde;

Parece se esconde,

Cansado de dar-me





Os ais que lhe dou.

São estes os sítios?

São estes; mas eu

O mesmo não sou.

Marília, tu chamas?

Espera que eu vou.

Aqui um regato

Corria, sereno,

Por margens cobertas

De flores e feno;

À esquerda se erguia

Um bosque fechado;

E o tempo apressado,

Que nada respeita,

Já tudo mudou.

São estes os sítios?

São estes; mas eu

O mesmo não sou.

Marília, tu chamas?

Espera que eu vou.

Mas como discorro?

Acaso podia

Já tudo mudar-se

No espaço de um dia?

Existem as fontes

E os freixos copados;

Dão flores os prados

E corre a cascata





Que nunca secou.

São estes os sítios?

São estes; mas eu

O mesmo não sou.

Marília, tu chamas?

Espera que eu vou.

Minha alma, que tinha

Liberta a vontade,

Agora já sente

Amor e saudade.

Os sítios formosos,

Que já me agradaram,

Ah! não se mudaram!

Mudaram-se os olhos

De triste que estou.

São estes os sítios?

São estes; mas eu

O mesmo não sou.

Marília, tu chamas?

Espera que eu vou.

#### Lira VI

Oh! quanto pode em nós a vária Estrela!

Que diversos que são os gênios nossos!

Qual solta a branca vela,

E afronta sobre o pinho os mares grossos;

Qual cinge com a malha o peito duro,

E, marchando na frente das coortes,

Faz a torre voar, cair o muro.





O sórdido avarento em vão trabalha  
Que possa o filho entrar no seu Tesouro:  
Aqui, fechado, estende  
Sobre a tábua, que verga, as barras de ouro.  
Sacode o jogador do copo os dados;  
E numa noite só, que ao sono rouba,  
Perde o resto dos bens do pai herdados.

O que da voraz gula o vício adora,  
Da lauta mesa os seus prazeres fia;  
E o terno Alceste chora  
Ao som dos versos, a que o gênio o guia.  
O sábio Galileu toma o compasso,  
E sem voar ao Céu, calcula, e mede  
Das Estrelas e Sol o imenso espaço.

Enquanto pois, Marília, a vária gente  
Se deixa conduzir do próprio gosto,  
Passo as horas contente,  
Notando as graças do teu lindo rosto.  
Sem cansar-me a saber se o Sol se move,  
Ou se a terra volteia, assim conheço  
Aonde chega a mão do grande Jove.

Noto, gentil Marília, os teus cabelos.  
E noto as faces de jasmims e rosas;  
Noto os teus olhos belos,  
Os brancos dentes e as feições mimosas.  
Quem faz uma obra tão perfeita e linda,



Minha bela Marília, também pode  
Fazer os Céus e mais, se há mais ainda.

### Lira VII

Vou retratar a Marília,  
A Marília meus amores;  
Porém como? Se eu não vejo  
Quem me empreste as finas cores!  
Dar-mas a terra não pode;  
Não, que a sua cor mimosa  
Vence o lírio, vence a rosa,  
O jasmim e as outras flores.

Ah! socorre, Amor, socorre  
Ao mais grato empenho meu!  
Voa sobre os Astros, voa,  
Traz-me as tintas do Céu.

Mas não se esmoreça logo;  
Busquemos um pouco mais;  
Nos mares talvez se encontrem  
Cores que sejam iguais.  
Porém, não, que em paralelo  
Da minha Nífa adorada  
Pérolas não valem nada,  
Não valem nada os corais.

Ah! socorre, Amor, socorre  
Ao mais grato empenho meu!  
Voa sobre os Astros, voa,  
Traz-me as tintas do Céu.





Só no Céu achar-se podem  
Tais belezas, como aquelas  
Que Marília tem nos olhos  
E que tem nas faces belas.  
Mas às faces graciosas,  
Aos negros olhos, que matam,  
Não imitam, não retratam  
Nem Auroras, nem Estrelas.

Ah! socorre, Amor, socorre  
Ao mais grato empenho meu!  
Voa sobre os Astros, voa,  
Traz-me as tintas do Céu.

Entremos, Amor, entremos,  
Entremos na mesma Esfera,  
Venha Palas, venha Juno,  
Venha a Deusa de Citera.  
Porém não, que se Marília  
No certame antigo entrasse,  
Bem que a Páris não peitasse,  
A todas as três vencera.

Vai-te, Amor, em vão socorres  
Ao mais grato empenho meu:  
Para formar-lhe o retrato  
Não bastam tintas do Céu.

#### Lira VIII

Marília, de que te queixas?  
De que te roube Dirceu  
O sincero coração?





Não te deu também o seu?  
E tu, Marília, primeiro  
Não lhe lançaste o grilhão?  
Todos amam; só Marília  
Desta Lei da Natureza  
Queria ter isenção?

Em torno das castas pombas,  
Não rulam ternos pombinhos?  
E rulam, Marília, em vão?  
Não se afagam cos biquinhos?  
E a provas de mais ternura  
Não os arrasta a paixão?  
Todos amam; só Marília  
Desta Lei da Natureza  
Queria ter isenção?

Já viste, minha Marília,  
Avezinhas que não façam  
Os seus ninhos no verão?  
Aqueles, com quem se enlaçam,  
Não vão cantar-lhes defronte  
Do mole pouso em que estão?  
Todos amam; só Marília  
Desta Lei da Natureza  
Queria ter isenção?

Se os peixes, Marília, geram  
Nos bravos mares e rios,  
Tudo efeitos de Amor são.



Amam os brutos ímpios,  
A serpente venenosa,  
A Onça, o Tigre, o Leão.

Todos amam; só Marília  
Desta Lei da Natureza  
Queria ter isenção?

As grandes Deusas do Céu  
Sentem a seta tirana  
Da amorosa inclinação.  
Diana, com ser Diana,  
Não se abrasa, não suspira  
Pelo amor de Endimião?

Todos amam; só Marília  
Desta Lei da Natureza  
Queria ter isenção?

Desiste, Marília bela,  
De uma queixa sustentada  
Só na altiva opinião.  
Esta chama é inspirada  
Pelo Céu; pois nela assenta  
A nossa conservação.

Todos amam; só Marília  
Desta Lei da Natureza  
Não deve ter isenção?

#### Lira IX

Eu sou, gentil Marília, eu sou cativo;  
Porém não me venceu a mão armada





De ferro e de furor;  
Uma alma sobre todas elevada  
Não cede a outra força que não seja  
A tenra mão de Amor.

Arrastem pois os outros muito embora  
Cadeias nas bigornas trabalhadas  
Com pesados martelos;  
Eu tenho as minhas mãos ao carro atadas  
Com duros ferros não, com fios d'ouro,  
Que são os teus cabelos.

Oculto nos teus meigos vivos olhos,  
Cupido a tudo faz tirana guerra:  
Sacode a seta ardente;  
E sendo despedida cá da terra,  
As nuvens rompe, chega ao alto Empíreo,  
E chega ainda quente.

As abelhas, nas asas suspendidas,  
Tiram, Marília, os sucos saborosos  
Das orvalhadas flores:  
Pendentes dos teus beijos graciosos,  
Ambrósias chupam, chupam mil feitiços  
Nunca fartos Amores.

O vento, quando parte em largas fitas  
As folhas, que meneia com brandura;  
A fonte cristalina,  
Que sobre as pedras cai de imensa altura,



Não forma um som tão doce, como forma  
A tua voz divina.

Em torno dos teus peitos, que palpitam,  
Exalam mil suspiros desvelados  
Enxames de desejos;  
Se encontram os teus olhos descuidados,  
Por mais que se atropelem, voam, chegam,  
E dão furtivos beijos.

O Cisne, quando corta o manso largo,  
Erguendo as brancas asas e o pescoço;  
A Nau, que ao longe passa,  
Quando o vento lhe enfuna o pano grosso,  
O teu garbo não tem, minha Marília,  
Não tem a tua graça.

Estimem pois os mais a liberdade;  
Eu prezo o cativo, sim, nem chamo  
À mão de Amor impia:  
Honro a virtude e os teus dotes amo:  
Também o grande Aquiles veste a saia,  
Também Alcides fia.

#### Lira X

Se existe um peito,  
Que isento viva  
Da chama ativa,  
Que acende Amor;  
Ah! não habite







Neste montado,  
Fuja apressado  
Do vil traidor.  
Corra, que o ímpio  
Aqui se esconde,  
Não sei aonde,  
Mas sei que o vi.

Traz novas setas,  
Arco robusto;  
Tremi de susto,  
Em vão fugi.

Eu vou mostrar-vos,  
Tristes mortais,  
Quantos sinais  
O ímpio tem.

Oh! como é justo  
Que todo o humano  
Um tal tirano  
Conheça bem!

No corpo ainda  
Menino existe;  
Mas quem resiste  
Ao braço seu?

Ao negro Inferno  
Levou a guerra;  
Venceu a terra,  
Venceu o Céu.





Jamais se cobrem  
Seus membros belos;  
E os seus cabelos  
Que lindos são!  
Vendados olhos,  
Que tudo alcançam,  
E jamais lançam  
A seta em vão.

As suas faces  
São cor da neve;  
E a boca breve  
Só risos tem.

Mas, ah! respira  
Negros venenos,  
Que nem ao menos  
Os olhos veem.  
Aljava grande  
Dependurada,  
Sempre atacada  
De bons farpões.

Fere com estas  
Agudas lanças  
Pombinhas mansas,  
Bravos leões.

Se a seta falta,  
Tem outra pronta,  
Que a dura ponta  
Jamais torceu.



Ninguém resiste

Aos golpes dela:

Marília bela

Foi quem lha deu.

Ah! não sustente

Dura peleja

O que deseja

Ser vencedor.

Fuja e não olhe,

Que só fugindo

De um rosto lindo

Se vence Amor.

#### Lira XI

Não toques, minha Musa, não, não toques

Na sonora Lira,

Que às almas, como a minha, namoradas,

Doces Canções inspira;

Assopra no clarim, que, apenas soa,

Enche de assombro a terra;

Naquele, a cujo som cantou Homero,

Cantou Virgílio a Guerra.

Busquemos, ó Musa,

Empresa maior;

Deixemos as ternas

Fadigas de Amor.

Eu já não vejo as graças, de que forma



Cupido o seu tesouro,  
Vivos olhos e faces cor da neve,  
Com crespos fios de ouro:  
Meus olhos só vêem gramas e loureiros;  
Veem carvalhos e palmas;  
Veem os ramos honrosos, que distinguem  
As vencedoras almas.

Busquemos, ó Musa,  
Empresa maior;  
Deixemos as ternas  
Fadigas de Amor.

Cantemos o Herói, que já no berço  
As Serpes despedaça;  
Que fere os Cacos, que destronca as Hidras,  
Mais os leões, que abraça.  
Cantemos, se isto é pouco, a dura guerra  
Dos Titãs e Tifeus,  
Que arrancam as montanhas e, atrevidos,  
Levam armas aos Céus.

Busquemos, ó Musa,  
Empresa maior;  
Deixemos as ternas  
Fadigas de Amor.

Anima pois, ó Musa, o instrumento,  
Que a voz também levanto;  
Porém tu deste muito acima o ponto,





Dirceu não pode tanto.  
Abaixa, minha Musa, o tom, que ergueste;  
Eu já, eu já te sigo.  
Mas, ah! vou a dizer **Herói**, e **Guerra**,  
E só **Marília** digo.

Deixemos, ó Musa,  
Empresa maior;  
Só posso seguir-te  
Cantando de Amor.

Feres as cordas d'ouro? Ah! sim, agora  
Meu canto já se afina:  
E a humana voz parece que ao som delas  
Se faz também divina.  
O mesmo que cercou de muro a Tebas  
Não canta assim tão terno;  
Nem pode competir comigo aquele,  
Que desce ao negro Inferno.

Deixemos, ó Musa,  
Empresa maior;  
Só posso seguir-te  
Cantando de Amor.

Mal repito **Marília**, as doces aves  
Mostram sinais de espanto;  
Erguem os colos, voltam as cabeças,  
Param o ledto canto;  
Move-se o tronco, o vento se suspende,



Pasma o gado e não come.  
Quanto podem meus versos! Quanto pode  
Só de Marília o nome!

Deixemos, ó Musa,  
Empresa maior;  
Só posso seguir-te  
Cantando de Amor.

### Lira XII

Topei um dia  
Ao Deus vendado,  
Que descuidado  
Não tinha as setas  
Na impia mão.

Mal o conheço,  
Me sobe logo  
Ao rosto o fogo,  
Que a raiva acende  
No coração.

“Morre, tirano;  
Morre, inimigo!”  
Mal isso digo,  
Raivoso o aperto  
Nos braços meus.

Tanto que o moço  
Sente apertar-se,  
Para salvar-se  
Também me aperta



Nos braços seus.

O leve corpo  
Ao ar levanto;  
Ah! e com quanto  
Impulso o trago  
Do ar ao chão!

Pode suster-se

A vez primeira;  
Mas à terceira  
Nos pés, que alarga,  
Se firma em vão.

Mal o derrubo,  
Ferro aguçado  
No já cansado  
Peito, que arqueja,  
Mil golpes deu.

Suou seu corpo;

Tremeu, gemendo;  
E a cor perdendo,  
Bateu as asas;  
Enfim, morreu.

Qual bravo Alcides,  
Que a hirsuta pele  
Vestiu daquele  
Grenhoso bruto,  
A quem matou,

Para que prove  
A empresa honrada,





Coa mão manchada  
Recolho as setas  
Que me deixou.

Ouviu Marília  
Que Amor gritava,  
E como estava  
Vizinha ao sítio  
Valer-lhe vem;  
Mas quando chega  
Espavorida,  
Nem já de vida  
O fero monstro  
Indício tem.

Então Marília,  
Que o vê de perto  
De pó coberto  
E todo envolto  
No sangue seu,  
As mãos aperta  
No peito brando,  
E aflita dando  
Um ai, os olhos  
Levanta ao Céu.

Chega-se a ele  
Compadecida;  
Lava a ferida  
Co pranto amargo,







Que derramou.

Então o monstro

Dando um suspiro,  
Fazendo um giro  
Coa baça vista,  
Ressuscitou.  
Respira a Deusa;  
E vem o gosto  
Fazer no rosto  
O mesmo efeito,  
Que fez a dor.

Que louca ideia

Foi a que tive!  
Enquanto vive  
Marília bela,  
Não morre Amor.

### Lira XIII

Oh! quantos riscos,  
Marília bela,  
Não atropela  
Quem, cego, arrasta  
Grilhões de Amor!

Um peito forte,  
De acordo falto,  
Zomba do assalto  
Do vil traidor.

O amante de Hero  
Da luz guiado,





Co peito ousado  
Na escura noite  
Rompia o mar.

Se o Helesponto

Se encapelava,  
Ah! não deixava  
De lhe ir falar.

Do Cantor Trácio  
A heroicidade  
Esta verdade,  
Minha Marília,  
Prova também.

Cheio de esforço

Vai ao Cocito  
Buscar aflito,  
Seu doce bem.

Que ação tão grande  
Nunca intentada!  
Ao pé da entrada,  
Já tudo assusta  
O coração:

Pendentes rochas,

Campos adustos,  
Que nem arbustos  
Nem ervas dão.

Na funda fralda  
De calvo monte,





Corre Aqueronte,  
Rio de ardente  
Mortal licor.

Tem o barqueiro  
Testa enrugada,  
Vista inflamada,  
Que mete horror.

Que seguranças!  
Que fechaduras!  
As portas duras  
Não são de lenhos,  
De ferro são.

Por três gargantas,  
Quando alguém bate,  
Raivoso late  
O negro cão.

Dentro da cova  
Soam lamentos;  
E que tormentos  
Não mostra aos olhos  
A escassa luz!

Minos a pena  
Manda se intime  
Igual ao crime  
Que ali conduz.

Grande penedo  
Este carrega;





E apenas chega  
Do monte ao cume,  
O faz rolar.

A pedra sempre  
Ao vale desce,  
Sem que ele cesse  
De a ir buscar.

Nas limpas águas  
Habita aquele;  
Por cima dele  
Verdejam ramos,  
Que pomos dão.

Debalde a boca  
Molhar pretende;  
Debalde estende  
Faminta mão.

Tem outro o peito  
Despedaçado:  
Monstro esfaimado  
Jamais descansa  
De lho roer.

A roxa carne,  
Que o abutre come,  
Não se consome,  
Torna a crescer.

Mas, bem que tudo  
Pavor inspira,





Tocando a lira  
Desce ao Averno  
O bom Cantor.

Não se entorpece  
A língua e braço;  
Não treme o passo,  
Não perde a cor.

Ah! também quanto  
Dirceu obrara,  
Se precisara  
Marília bela  
De esforço seu!

Rompera os mares  
Co peito terno,  
Fora ao Inferno,  
Subira ao Céu.

Aos dois amantes  
De Trácia e Abido  
Não deu Cupido  
Do que aos mais todos  
Maior valor.

Por seus vassalos  
Forças reparte,  
Como lhes parte  
Os graus de Amor.



#### Lira XIV

Minha bela Marília, tudo passa;  
A sorte deste mundo é mal segura;  
Se vem depois dos males a ventura,  
Vem depois dos prazeres a desgraça.

Estão os mesmos Deuses  
Sujeitos ao poder do ímpio Fado:  
Apolo já fugiu do Céu brilhante,  
Já foi Pastor de gado.

A devorante mão da negra Morte  
Acaba de roubar o bem que temos;  
Até na triste campa não podemos  
Zombar do braço da inconstante sorte:

Qual fica no Sepulcro,  
Que seus avós ergueram, descansado;  
Qual no campo, e lhe arranca os frios ossos  
Ferro do torto arado.

Ah! enquanto os Destinos impiedosos  
Não voltam contra nós a face irada,  
Façamos, sim, façamos, doce amada,  
Os nossos breves dias mais ditosos.

Um coração que, frouxo,  
A grata posse de seu bem difere,  
A si, Marília, a si próprio rouba,  
E a si próprio fere.

Ornemos nossas testas com as flores  
E façamos de feno um brando leito;





Prendamo-nos, Marília, em laço estreito,  
Gozemos do prazer de sãos Amores.

Sobre as nossas cabeças,  
Sem que o possam deter, o tempo corre;  
E para nós o tempo que se passa  
Também, Marília, morre.

Com os anos, Marília, o gosto falta,  
E se entorpece o corpo já cansado:  
Triste o velho cordeiro está deitado,  
E o leve filho, sempre alegre, salta.

A mesma formosura  
É dote que só goza a mocidade:  
Rugam-se as faces, o cabelo alveja,  
Mal chega a longa idade.

Que havemos de esperar, Marília bela?  
Que vão passando os florescentes dias?  
As glórias que vêm tarde, já vêm frias,  
E pode, enfim, mudar-se a nossa estrela.

Ah! não, minha Marília,  
Aproveite-se o tempo, antes que faça  
O estrago de roubar ao corpo as forças  
E ao semblante a graça!

#### Lira XV

A minha bela Marília  
Tem de seu um bom tesouro;  
Não é, doce Alceu, formado  
Do buscado





Metal louro.

É feito de uns alvos dentes,  
É feito de uns olhos belos,  
De umas faces graciosas,  
De crespos, finos cabelos,  
E de outras graças maiores  
Que a natureza lhe deu:  
Bens que valem sobre a terra  
E que têm valor no Céu.

Eu posso romper os montes,  
Dar às correntes desvios,  
Pôr cercados espaçosos  
Nos caudosos,  
Turvos rios.

Posso emendar a ventura  
Ganhando astuto a riqueza;  
Mas, ah! caro Alceu, quem pode  
Ganhar uma só beleza  
Das belezas que Marília  
No seu tesouro meteu?  
Bens que valem sobre a terra  
E que têm valor no Céu.

Da sorte que vive o rico,  
Entre o fausto, alegremente,  
Vive o guardador de gado,  
Apoucado,  
Mas contente.

Beije pois torpe avarento







As arcas, de barras cheias;  
Eu não beijo os vis tesouros;  
Beijo as douradas cadeias,  
Beijo as setas, beijo as armas  
Com que o cego Amor venceu:  
Bens que valem sobre a terra  
E que têm valor no Céu.

Ama Apolo, o fero Marte,  
Ama, Alceu, o mesmo Jove:  
Não é, não, a vã riqueza,  
Sim beleza,  
Quem os move.  
Posto ao lado de Marília,  
Mais que mortal me contemplo;  
Deixo os bens que aos homens cegam,  
Sigo dos Deuses o exemplo:  
Amo virtudes e dotes;  
Amo, enfim, prezado Alceu,  
Bens que valem sobre a terra  
E que têm valor no Céu.

#### Lira XVI

Eu, Glauceste, não duvido  
Ser a tua Eulina amada  
Pastora formosa,  
Pastora engraçada.  
Vejo a sua cor de rosa,  
Vejo o seu olhar divino,  
Vejo os seus purpúreos beijos,





Vejo o peito cristalino;  
Nem há coisa que assemelhe  
Ao crespado cabelo louro.  
Ah! que a tua Eulina vale,  
Vale um imenso tesouro!

Ela vence muito, e muito  
À laranjeira copada,  
Estando de flores  
E frutos ornada.  
É, Glaucete, os teus Amores;  
E nem por outra Pastora,  
Que menos dotes tivera  
Ou que menos bela fora,  
O meu Glaucete cansara  
As divinas cordas de ouro.  
Ah! que a tua Eulina vale,  
Vale um imenso tesouro!  
Sim, Eulina é uma Deusa;  
Mas anima a formosura  
De uma alma de fera  
Ou inda mais dura.  
Ah! quando Alceu pondera  
Que o seu Glaucete suspira,  
Perde, perde o sofrimento,  
E qual enfermo delira!  
Tenha embora brancas faces,  
Meigos olhos, fios de ouro,  
A tua Eulina não vale,  
Não vale imenso tesouro.





O fuzil, que imita a cobra,  
Também aos olhos é belo;  
Mas quando alumeia,  
Tu tremes de vê-lo.

Que importa se mostre cheia  
De mil belezas a ingrata?  
Não se julga formosura  
A formosura que mata.  
Evita, Glauceste, evita  
O teu estrago e desdouro.  
A tua Eulina não vale,  
Não vale imenso tesouro.

A minha Marília quanto  
À natureza não deve!  
Tem divino rosto  
E tem mãos de neve.

Se mostro na face o gosto,  
Ri-se Marília, contente;  
Se canto, canta comigo;  
E apenas triste me sente,  
Limpa os olhos com as tranças  
Do fino cabelo louro.  
A minha Marília vale,  
Vale um imenso tesouro.

#### Lira XVII

Minha Marília,  
Tu enfadada?





Que mão ousada  
Perturbar pode  
A paz sagrada  
Do peito teu?  
Porém que muito  
Que irado esteja  
O teu semblante!  
Também troveja  
O claro Céu.

Eu sei, Marília,  
Que outra Pastora  
A toda hora,  
Em toda a parte,  
Cega namora  
Ao teu Pastor.

Há sempre fumo  
Aonde há fogo:  
Assim, Marília,  
Há zelos, logo  
Que existe amor.

Olha, Marília,  
Na fonte pura  
A tua alvura,  
A tua boca  
E a compostura  
Das mais feições.

Quem tem teu rosto  
Ah! não receia





Que terno amante  
Solte a cadeia,  
Quebre os grilhões.

Não anda Laura  
Nestas campinas  
Sem as boninas  
No seu cabelo,  
Sem peles finas  
No seu jubão.

Porém que importa?

O rico asseio  
Não dá, Marília,  
Ao rosto feio  
A perfeição.  
Quando apareces  
Na madrugada,  
Mal embrulhada  
Na larga roupa,  
E desgrenhada,  
Sem fita ou flor,

Ah! que então brilha

A natureza!  
Então se mostra  
Tua beleza  
Inda maior.

O céu formoso,  
Quando alumia  
O sol de dia,





Ou estrelado  
Na noite fria,  
Parece bem.

Também tem graça  
Quando amanhece;  
Até, Marília,  
Quando anoitece  
Também a tem.

Que tens, Marília,  
Que ela suspire,  
Que ela delire,  
Que corra os vales,  
Que os montes gire,  
Louca de amor?

Ela é que sente  
Esta desdita;  
E na repulsa  
Mais se acredita  
O teu Pastor.

Quando há, Marília,  
Alguma festa  
Lá na floresta,  
(Fala a verdade!)  
dança com esta  
o bom Dirceu?

E se ela o busca,  
Vendo buscar-se,  
Não se levanta,





Não vai sentar-se  
Ao lado teu?

Quando um por outro  
Na rua passa,  
Se ela diz graça  
Ou muda o gesto,  
Esta negaça  
Faz-lhe impressão?

Se está fronteira,  
E brandamente  
Lhe fita os olhos,  
Não põe, prudente,  
Os seus no chão?

Deixa o ciúme,  
Que te desvela:  
Marília bela;  
Nunca receies  
Dano daquela  
Que igual não for.

Que mais desejas?  
Tens lindo aspecto;  
Dirceu se alenta  
De puro afeto,  
De pundonor.



### Lira XVIII

Não vês aquele velho respeitável  
Que à muleta encostado  
Apenas mal se move e mal se arrasta?  
Oh! quanto estrago não lhe fez o tempo!  
O tempo arrebatado,  
Que o mesmo bronze gasta.

Enrugaram-se as faces, e perderam  
Seus olhos a viveza;  
Voltou-se o seu cabelo em branca neve;  
Já lhe treme a cabeça, a mão, o queixo;  
Nem tem uma beleza  
Das belezas, que teve.  
Assim também serei, minha Marília,  
Daqui a poucos anos,  
Que o ímpio tempo para todos corre:  
Os dentes cairão e os meus cabelos.  
Ah! sentirei os danos  
Que evita só quem morre.

Mas sempre passarei uma velhice  
Muito menos penosa.  
Não trarei a muleta carregada:  
Descansarei o já vergado corpo  
Na tua mão piedosa,  
Na tua mão nevada.

Nas frias tardes, em que negra nuvem  
Os chuveiros não lance,







Irei contigo ao prado florescente:  
Aqui me buscarás um sítio ameno,  
Onde os membros descanse,  
E o brando Sol me aquente.

Apenas me sentar, então, movendo  
Os olhos por aquela  
Vistosa parte, que ficar fronteira,  
Apontando direi: "Ali falamos,  
Ali, ó minha bela,  
Te vi a vez primeira".

Verterão os meus olhos duas fontes,  
Nascidas de alegria;  
Farão teus olhos ternos outro tanto;  
Então darei, Marília, frios beijos  
Na mão formosa e pia,  
Que me limpar o pranto.

Assim irá, Marília, docemente  
Meu corpo suportando  
Do tempo desumano a dura guerra.  
Contente morrerei, por ser Marília  
Quem, sentida, chorando,  
Meus baços olhos cerra.

#### Lira XIX

Enquanto pasta, alegre, o manso gado,  
Minha bela Marília, nos sentemos  
À sombra deste cedro levantado.





Um pouco meditemos  
Na regular beleza,  
Que em tudo quanto vive nos descobre  
A sábia Natureza.

Atende, como aquela vaca preta  
O novilhinho seu dos mais separa  
E o lambe, enquanto chupa a lisa teta.

Atende mais, ó cara,  
Como a ruiva cadela  
Suporta que lhe morda o filho o corpo  
E salte em cima dela.

Repara como, cheia de ternura,  
Entre as asas ao filho essa ave aqueita,  
Como aquela esgravata a terra dura,  
E os seus assim sustenta;  
Como se encoleriza  
E salta sem receio a todo o vulto  
Que junto deles pisa.

Que gosto não terá a esposa amante,  
Quando der ao filhinho o peito brando  
E refletir então no seu semblante!  
Quando, Marília, quando  
Disser consigo: "É esta  
De teu querido pai a mesma barba,  
A mesma boca e testa".

Que gosto não terá a mãe, que toca,





Quando o tem nos seus braços, co dedinho  
Nas faces graciosas e na boca  
Do inocente filhinho!  
Quando, Marília bela,  
O tenro infante já com risos mudos  
Começa a conhecê-la!

Que prazer não terão os pais, ao verem  
Com as mães um dos filhos abraçados;  
Jogar outros a luta, outros correrem  
Nos cordeiros montados!  
Que estado de ventura!  
Que até naquilo, que de peso serve,  
Inspira Amor doçura!

#### Lira XX

Em uma frondosa  
Roseira se abria  
Um negro botão.  
Marília adorada  
O pé lhe torcia  
Com a branca mão.

Nas folhas viçosas  
A abelha enraivada  
O corpo escondeu.  
Tocou-lhe Marília:  
Na mão descuidada  
A fera mordeu.





Apenas lhe morde,  
Marília, gritando,  
Co dedo fugiu.  
Amor, que no bosque  
Estava brincando,  
Aos ais acudiu.

Mal viu a rotura  
E o sangue espargido,  
Que a Deusa mostrou,  
Risonho, beijando  
O dedo ofendido,  
Assim lhe falou:

“Se tu por não tão pouco  
O pranto desatas,  
Ah! dá-me atenção:  
E como daquele  
Que feres e matas,  
Não tens compaixão?”

#### Lira XXI

Não sei, Marília, que tenho,  
Depois que vi o teu rosto,  
Pois quanto não é Marília  
Já não posso ver com gosto.

Noutra idade me alegrava,  
Até quando conversava  
Com o mais rude vaqueiro:  
Hoje, ó bela, me aborrece





Inda o trato lisonjeiro  
Do mais discreto pastor.  
Que efeitos são os que sinto?  
Serão efeitos de Amor?

Saio da minha cabana  
Sem reparar no que faço;  
Busco o sítio aonde moras,  
Suspendo defronte o passo.

Fito os olhos na janela  
Aonde, Marília bela,  
Tu chegas ao fim do dia;  
Se alguém passa e te saúda,  
Bem que seja cortesia,  
Se acende na face a cor.  
Que efeitos são os que sinto?  
Serão os efeitos de Amor?

Se estou, Marília, contigo,  
Não tenho um leve cuidado;  
Nem me lembra se são horas  
De levar à fonte o gado.

Se vivo de ti distante,  
Ao minuto, ao breve instante,  
Finge um dia o meu desgosto;  
Jamais, Pastora, te vejo  
Que em teu semblante composto  
Não veja graça maior.  
Que efeitos são os que sinto?  
Serão efeitos de Amor?





Ando já com o juízo,  
Marília, tão perturbado,  
Que no mesmo aberto sulco  
Meto de novo o arado.

Aqui no centeio pego,  
Noutra parte em vão o sego;  
Se algué  
Se geme o bufo agoureiro,  
Só Marília me desvela,  
Enche-se o peito de mágoa,  
E não sei a causa dela.

Mal durmo, Marília, sonho  
Que fero leão medonho  
Te devora nos meus braços:  
Gela-se o sangue nas veias  
E solto do sono os laços  
À força da imensa dor.  
Ah! que os efeitos que sinto  
Só são efeitos de amor!

#### Lira XXII

Muito embora, Marília, muito embora  
Outra beleza, que não seja a tua,  
Com a vermelha roda, a seis puxada,  
Faça tremer a rua.

As paredes da sala, aonde habita,  
Adorne a seda e o tremó dourado;  
Pendam largas cortinas, penda o lustre



Do teto apainelado.

Tu não habitarás Palácios grandes,  
Nem andarás nos coches voadores;  
Porém terás um Vate, que te preze,  
Que cante os teus louvores.

O tempo não respeita a formosura;  
E da pálida morte a mão tirana  
Arrasa os edifícios dos Augustos  
E arrasa a vil choupana.  
Que belezas, Marília, floresceram,  
De quem nem sequer temos a memória!  
Só podem conservar um nome eterno  
Os versos ou a história.

Se não houvesse Tasso nem Petrarca,  
Por mais que qualquer delas fosse linda,  
Já não sabia o mundo se existiram  
Nem Laura, nem Clorinda.

É melhor, minha bela, ser lembrada  
Por quantos hão de vir sábios humanos,  
Que ter urcos, ter coches e tesouros  
Que morrem com os anos.

#### Lira XXIII

Num sítio ameno  
Cheio de rosas,  
De brancos lírios,





Murtas viçosas;

Dos seus amores  
Na companhia,  
Dirceu passava  
Alegre o dia.

Em tom de graça,  
Ao terno amante  
Manda Marília  
Que toque e cante.

Pega na lira,  
Sem que a tempere,  
A voz levanta  
E as cordas fere.  
Cos doces pontos  
A mão atina,  
E a voz iguala  
À voz divina.

Ela, que teve  
De rir-se a ideia,  
Nem move os olhos,  
De assombro cheia.

Então Cupido,  
Aparecendo,  
À bela fala,  
Assim dizendo:







“Do teu amado  
A lira fias,  
Só porque dele  
Zombando rias?

Quando num peito  
Assento faço,  
Do peito subo  
À língua e braço.

Nem creias que outro  
Estilo tome,  
Sendo eu o mestre,  
A ação teu nome.”

#### **Lira XXIV**

Encheu, minha Marília, o grande Jove  
De imensos animais de toda a espécie  
As terras, mais os ares,  
O grande espaço dos salobros, rios,  
Dos negros, fundos mares.  
Para sua defesa,  
A todos deu as armas, que convinha  
A sábia Natureza.

Deu as asas aos pássaros ligeiros,  
Deu ao peixe escamoso as barbatanas;  
Deu veneno à serpente,  
Ao membrudo Elefante a enorme tromba





E ao Javali o dente.  
Coube ao leão a garra;  
Com leve pé saltando o cervo foge;  
E o bravo touro marra.

Ao homem deu as armas do discurso,  
Que valem muito mais que as outras armas;  
Deu-lhe dedos ligeiros,  
Que podem converter em seu serviço  
Os ferros e os madeiros,  
Que tecem fortes laços  
E forjam raios, com que aos brutos cortam  
Os voos, mais os passos.

Às tímidas donzelas pertenceram  
Outras armas, que têm dobrada força:  
Deu-lhes a Natureza  
Além do entendimento, além dos braços,  
As armas da beleza.  
Só ela ao Céu se atreve;  
Só ela mudar pode o gelo em fogo,  
Mudar o fogo em neve.

Eu vejo, eu vejo ser a formosura  
Quem arrancou da mão de Coriolano  
A cortadora espada.  
Vejo que foi de Helena o lindo rosto,  
Quem pôs em campo, armada,  
Toda a força da Grécia.  
E quem tirou o Cetro aos Reis de Roma?



Só foi, só foi Lucrecia.

Se podem lindos rostos, mal suspiram,  
O braço desarmar do mesmo Aquiles;  
Se estes rostos irados  
Podem soprar o fogo da discórdia  
Em povos aliados,  
És árbitra da terra:  
Tu podes dar, Marília, a todo o mundo  
A paz e a dura guerra.

**Lira XXV**

O cego Cupido um dia,  
Com os seus Gênios falava  
Do modo que lhe restava  
De cativar a Dirceu.  
Depois de larga disputa,  
Um dos Gênios mais sagazes  
Este conselho lhe deu:

“As setas mais aguçadas,  
Como se em rocha batessem,  
Dão nos seus peitos e descem  
Todas quebradas ao chão.

Só as graças de Marília  
Podem vencer um tão duro,  
Tão isento coração.

A fortuna desta empresa  
Consiste em armar-se o laço,





Sem que sinta ser o braço  
Que lho prepara de Amor:

Que ele vive como as aves,  
Que já deixaram as penas  
No visco do Caçador.”

Na força desse conselho,  
O raivoso Deus sossega  
E à tropa a honra entrega  
De o fazer executar.

Todos pretendem ganhá-la;  
Batem as asas, ligeiros,  
E vão as armas buscar.

Os primeiros se ocultaram  
Da Deusa nos olhos belos;  
Qual se enlaçou nos cabelos,  
Qual às faces se prendeu.

Um amorinho cansado  
Caiu dos lábios ao seio  
E nos peitos se escondeu.

Outro Gênio, mais astuto,  
Este novo ardil alcança:  
Muda-se numa criança  
De divino parecer;

Esconde as asas e a venda;  
Esconde as setas e quanto  
Pode dá-lo a conhecer.





Ela que vê um menino  
Todo de graças coberto,  
Tão risonho e tão esperto  
Ali sozinho brincar.

A ele endireita os passos;  
Finge Amor ter medo e a Deusa  
Mais se empenha em lhe pegar.

Ela corria chamando;  
Ele fugia e chorava:  
Assim foram onde estava  
O descuidado Pastor.

Este mal viu a beleza,  
E o gentil menino entende  
A malícia do traidor.

Põe as mãos sobre os ouvidos;  
Cerra os olhos e, constante,  
Não quer ver o seu semblante,  
Não o quer ouvir falar.

Qual Ulisses noutra idade  
Para iludir as Sereias  
Mandou tambores tocar.

Cupido, que a empresa via,  
Julga o intento frustrado  
E de raiva transportado  
O corpo no chão lançou.

Traçou a língua nos dentes;  
Meteu as unhas no rosto



E os cabelos arrancou.

O Gênio, que se escondia  
Entre os peitos da Pastora,  
Ergueu a cabeça fora  
E o sucesso conheceu.

Deixa o sossego em que estava  
E vai ligeiro meter-se  
No peito do bom Dirceu.

Apenas co brando peito  
Lhe tocou a neve fria,  
Com o calor que trazia  
Lhe abrasou o coração.

Dá o Pastor um suspiro,  
Abre os seus olhos e solta  
Do apertado ouvido a mão.

Logo que viram os Gênios  
Ao triste Pastor disposto  
Para ver o lindo rosto,  
Para as palavras ouvir,

Cada um as armas toma,  
Cada um com elas busca  
Seu terno peito ferir.

Com os cabelos da Deusa  
Lhe forma um Cupido laços,  
Que lhe seguram os braços,  
Como se fossem grilhões.



O Pastor já não resiste;  
Antes beija, satisfeito,  
As suas doces prisões.

**Lira XXVI**

O destro Cupido um dia  
Extraiu mimosas cores  
De frescos lírios e rosas,  
De jasmins e de outras flores.

Com as mais delgadas penas  
Usa de uma e de outra tinta  
E nos ângulos do cobre  
A quatro belezas pinta.

Por fazer pensar a todos,  
No seu liso centro escreve  
Um leteiro que pergunta:  
“Este espaço a quem se deve?”

Vênus, que viu a pintura  
E leu a letra engenhosa,  
Pôs por baixo: “Eu dele cedo;  
Dê-se a Marília formosa”.

**Lira XXVII**

Alexandre, Marília, qual o rio,  
Que engrossando no Inverno tudo arrasa,  
Na frente das coortes





Cerca, vence, abrasa  
As Cidades mais fortes.  
Foi na glória das armas o primeiro;  
Morreu na flor dos anos e já tinha  
Vencido o mundo inteiro.

Mas esse bom Soldado, cujo nome  
Não há poder algum que não abata,  
Foi, Marília, somente  
Um ditoso pirata,  
Um salteador valente.  
Se não tem uma fama baixa e escura,  
Foi por se pôr ao lado da injustiça  
A insolente ventura.

O grande César, cujo nome voa,  
À sua mesma Pátria a fé quebranta;  
Na mão a espada toma,  
Oprime-lhe a garganta,  
Dá Senhores a Roma.  
Consegue ser herói por um delito;  
Se acaso não vencesse, então seria  
Um vil traidor proscrito.

O ser herói, Marília, não consiste  
Em queimar os Impérios: move a guerra,  
Espalha o sangue humano  
E despovoa a terra  
Também o mau tirano.  
Consiste o ser herói em viver justo:





E tanto pode ser herói o pobre,  
Como o maior Augusto.

Eu é que sou herói, Marília bela,  
Seguindo da virtude a honrosa estrada:

Ganhei, ganhei um trono,  
Ah! não manchei a espada,  
Não roubei ao dono!

Ergui-o no teu peito e nos teus braços;  
E valem muito mais que o mundo inteiro  
Uns tão ditosos laços.

Aos bárbaros, injustos vencedores  
Atormentam remorsos e cuidados;

Nem descansam seguros  
Nos Palácios, cercados  
De tropa e de altos muros.

E a quantos nos não mostra a sábia história,  
A quem mudou o fado em negro opróbrio  
A mal ganhada glória!

Eu vivo, minha bela, sim, eu vivo  
Nos braços do descanso e mais do gosto:

Quando estou acordado,  
Contemplo no teu rosto,  
De graças adornado;

Se durmo, logo sonho e ali te vejo.  
Ah! nem desperto, nem dormindo, sobe  
A mais o meu desejo!



## Lira XXVIII

Cupido, tirando  
Dos ombros a aljava,  
Num campo de flores,  
Contente, brincava.

E o corpo tenrinho  
Depois, enfadado,  
Incauto reclina  
Na relva do prado.

Marília formosa,  
Que ao Deus conhecia,  
Oculta, espreitava  
Quanto ele fazia.

Mal julga que dorme,  
Se chega, contente,  
As armas lhe furta,  
E o Deus a não sente.

Os Faunos, mal viram  
As armas roubadas,  
Saíram das grutas  
Soltando risadas.

Acorda Cupido  
E a causa sabendo,  
A quantos o insultam  
Responde, dizendo:





“Temíeis as setas  
Nas minhas mãos cruas!  
Vereis o que podem  
Agora nas suas.”

### Lira XXIX

O tirano Amor risonho  
Me aparece e me convida  
Para que seu jugo aceite;  
E quer que eu passe em deleite  
O resto da triste vida.

“O sonoro Anacreonte  
(Astuto o moço dizia)  
Já perto da morte estava,  
Inda de amores cantava;  
Por isso alegre vivia.

Aos negros, duros pesares  
Não resiste um peito fraco,  
Se o amor o não fortalece;  
O mesmo Jove carece  
De Cupido e mais de Baco.”

Eu lhe respondo: “Perjuro,  
Nada creio do que dizes!  
Porque já te fui sujeito;  
Inda conservo no peito  
Estas frescas cicatrizes.





Se o mundo conhece males,  
Tu os maiores fizeste;  
Sim, tu a Troia queimaste,  
Tu a Cartago abrasaste,  
E tu a Antônio perdeste”.

Amor, vendo que da oferta  
Algun apreço não faço,  
Me diz, afoito, que trate  
De ir com ele a combate,  
Peito a peito, braço a braço.

Vou buscar as minhas armas;  
Cinjo primeiro que tudo  
O brilhante arnês; e à pressa  
Ponho um elmo na cabeça,  
Tomo a lança e o grosso escudo.

Mal no Campo me apresento,  
Marília (oh, Céus!) me aparece:  
Logo que os olhos me fita,  
O meu coração palpita,  
A minha mão desfalece.

Então me diz o tirano:  
“Confessa, louco, o teu erro:  
Contra as armas da beleza  
Não vale a externa defesa  
Dessa armadura de ferro”.



### Lira XXX

Junto a uma clara fonte  
A mãe de Amor se sentou;  
Encostou na mão o rosto,  
No leve sono pegou.

Cupido, que a viu de longe,  
Contente ao lugar correu;  
Cuidando que era Marília,  
Na face um beijo lhe deu.

Acorda Vênus irada:  
Amor a conhece; e então,  
Da ousadia que teve  
Assim lhe pede o perdão:

“Foi fácil, ó mãe formosa,  
Foi fácil o engano meu;  
Que o semblante de Marília  
É todo o semblante teu.”

### Lira XXXI

Minha Marília,  
Se tens beleza,  
Da Natureza  
É um favor.  
Mas se aos vindouros  
Teu nome passa,  
É só por graça  
Do Deus de amor,





Que, terno, inflama  
A mente, o peito  
Do teu Pastor.

Em vão se viram  
Perlas mimosas,  
Jasmins e rosas  
No rosto teu.  
Em vão terias  
Essas estrelas  
E as tranças belas,  
Que o Céu te deu,  
Se em doce verso  
Não as cantasse  
O bom Dirceu.

O voraz tempo  
Ligeiro corre;  
Com ele morre  
A perfeição.  
Essa, que o Egito,  
Sábua, modera,  
De Marco impera  
No coração;  
Mas já Otávio  
Não sente a força  
Do seu grilhão.

Ah! vem, ó bela,  
E o teu querido,





Ao Deus Cupido  
Louvores dar!  
Pois faz que todos  
Com igual sorte  
Do tempo e morte  
Possam zombar:  
Tu por formosa,  
E ele, Marília,  
Por te cantar.

Mas ai! Marília,  
Que de um amante,  
Por mais que cante,  
Glória não vem!  
Amor se pinta  
Menino e cego;  
No doce emprego  
Do caro bem  
Não vê defeitos  
E aumenta quantas  
Belezas tem.

Nenhum dos Vates,  
Em teu conceito,  
Nutriu no peito  
Néscia paixão?  
Todas aquelas  
Que vês cantadas  
Foram dotadas  
De perfeição?





Foram queridas;  
Porém formosas  
Talvez que não.

Porém que importa  
Não valha nada  
Seres cantada  
Do teu Dirceu?  
Tu tens, Marília,  
Cantor celeste;  
O meu Glauceste  
A voz ergueu:  
Irá teu nome  
Aos fins da Terra,  
E ao mesmo Céu.

Quando nas asas  
Do leve vento  
Ao Firmamento  
Teu nome for,  
Mostrando Jove  
Graça extremosa,  
Mudando a Esposa  
De inveja a cor;  
De todos há de,  
Voltando o rosto,  
Sorrir-se Amor.

Ah! não se manche  
Teu brando peito







Do vil defeito  
Da ingratição!  
Os versos beija,  
Gentil Pastora,  
A pena adora,  
Respeita a mão,  
A mão discreta  
Que te segura  
A duração.

### Lira XXXII

Numa noite, sossegado,  
Velhos papéis revolvia  
E, por ver de que tratavam,  
Um por um a todos lia.

Eram cópias emendadas,  
De quantos versos melhores  
Eu compus na tenra idade  
A meus diversos amores.

Aqui leio justas queixas  
Contra a ventura formadas,  
Leio excessos mal aceitos,  
Doces promessas quebradas.

Vendo sem-razões tamanhas,  
Eu exclamo, transportado:  
“Que finezas tão mal-feitas!  
Que tempo tão mal passado!”





Junto pois num grande monte  
Os soltos papéis e, logo,  
Por que relíquias não fiquem,  
Os intento pôr no fogo.

Então vejo que o Deus cego,  
Com semblante carregado,  
Assim me fala e crimina  
O meu intento acertado:

“Queres queimar esses versos?  
Dize, Pastor atrevido,  
Essas Liras não te foram  
Inspiradas por Cupido?

Achas que de tais amores  
Não deve existir memória?  
Sepultando esses triunfos,  
Não roubas a minha glória?”

Disse Amor; e mal se cala,  
Nos seus ombros a mão pondo,  
Com um semblante sereno  
Assim à queixa respondo:

“Depois, Amor, de me dares  
A minha Marília bela,  
Devo guardar umas Liras  
Que não são em honra dela?





E que importa, Amor, que importa  
Que a estes papéis destrua?  
Se é tua esta mão que os rasga,  
Se a chama, que os queima é tua?"

Apenas Amor me escuta,  
Manda que os lance nas brasas;  
E ergue a chama co vento  
Que formou, batendo as asas.

#### Lira XXXIII

Pega na lira sonora,  
Pega, meu caro Glauceste;  
E ferindo as cordas de ouro,  
Mostra aos rústicos Pastores  
A formosura celeste  
De Marília, meus amores.

Ah! pinta, pinta  
A minha bela!  
E em nada a cópia  
Se afaste dela.

Que concurso, meu Glauceste,  
Que concurso tão ditoso!  
Tu és digno de cantares  
O seu semblante divino;  
E o teu canto sonoro  
Também do seu rosto é dino.  
Ah! pinta, pinta



A minha bela!  
E em nada a cópia  
Se afaste dela.

Para pintares ao vivo  
As suas faces mimosas,  
A discreta Natureza  
Que providência não teve!  
Criou no jardim as rosas,  
Fez o lírio e fez a neve.

Ah! pinta, pinta  
A minha bela!  
E em nada a cópia  
Se afaste dela.

A pintar negras tranças  
Peço que mais te desveles,  
Pinta chusmas de amorinhos  
Pelos seus fios trepando,  
Uns tecendo cordas deles,  
Outros com eles brincando.

Ah! pinta, pinta  
A minha bela!  
E em nada a cópia  
Se afaste dela.

Para pintares, Glauceste,  
Os teus beijos graciosos,  
Entre as flores tens o cravo,  
Entre as pedras a granada,





E para os olhos formosos  
A Estrela da madrugada.

Ah! pinta, pinta  
A minha bela!  
E em nada a cópia  
Se afaste dela.

Mal retratares do rosto  
Quanto julgares preciso,  
Não dês a cópia por feita;  
Passa a outros dotes, passa:  
Pinta da vista e do riso  
A modéstia mais a graça.

Ah! pinta, pinta  
A minha bela!  
E em nada a cópia  
Se afaste dela.

Pinta o garbo de seu rosto  
Com expressões delicadas;  
Os seus pés, quando passeiam,  
Pisando ternos amores;  
E as mesmas plantas calcadas  
Brotando viçosas flores.

Ah! pinta, pinta  
A minha bela!  
E em nada a cópia  
Se afaste dela.

Pinta mais, prezado amigo,





Um terno amante beijando  
Suas douradas cadeias;  
E, em doce pranto desfeito,  
Ao monte e vale ensinando  
O nome que tem no peito.

Ah! pinta, pinta  
A minha bela!  
E em nada a cópia  
Se afaste dela.

Nem suspendas o teu canto,  
Inda que, Pastor, se veja  
Que a minha boca suspira,  
Que se banha em pranto o rosto;  
Que os outros choram de inveja,  
E chora Dirceu de gosto.

Ah! pinta, pinta  
A minha bela!  
E em nada a cópia  
Se afaste dela.

## PARTE II

### Lira I

Já não cinjo de louro a minha testa  
Nem sonoras Canções o Deus me inspira.

Ah! que nem me resta  
Uma já quebrada,



Mal sonora Lira!

Mas neste mesmo estado em que me vejo,  
Pede, Marília, Amor que vá cantar-te:

Cumpro o seu desejo;  
E ao que resta supra  
A paixão e a arte.

A fumaça, Marília, da candeia,  
Que a molhada parede ou suja ou pinta,

Bem que tosca e feia,  
Agora me pode  
Ministrar a tinta.

Aos mais preparos o discurso apronta:

Ele me diz que faça no pé de uma  
Má laranja ponta  
E dele me sirva  
Em lugar de pluma.

Perder as úteis horas não, não devo;

Verás, Marília, uma ideia nova:

Sim, eu já te escrevo  
Do que esta alma dita,  
Quanto amor aprova.

Quem vive no regaço da ventura

Nada obra em te adorar, que assombro faça;

Mostra mais ternura  
Quem te estima e morre



Nas mãos da desgraça.

Nesta cruel masmorra tenebrosa  
Ainda vendo estou teus olhos belos,  
A testa formosa,  
Os dentes nevados,  
Os negros cabelos.

Vejo, Marília, sim; e vejo ainda  
A chusma dos Cupidos que, pendentes  
Dessa boca linda,  
Nos ares espalham  
Suspiros ardentes.

Se alguém me perguntar onde eu te vejo,  
Responderei: “No peito”, que uns Amores  
De casto desejo  
Aqui te pintaram:  
E são bons Pintores.

Mal meus olhos te viram, ah! nesta hora  
Teu retrato fizeram, e tão forte,  
Que entendo que agora  
Só pode apagá-lo  
O pulso da Morte.

Isto escrevia, quando, oh! Céus, que vejo!  
Descubro a ler-me os versos o Deus louro:  
Ah! dá-lhes um beijo  
E diz-me que valem





Mais que letras de ouro!

**Lira II**

Esprema a vil calúnia, muito embora,  
Entre as mãos denegridas e insolentes,  
Os venenos das plantas  
E das bravas serpentes;

Chovam raios e raios, no meu rosto  
Não hás de ver, Marília, o medo escrito,  
O medo perturbado,  
Que infunde o vil delito.

Podem muito, conheço, podem muito,  
As fúrias infernais, que Pluto move;  
Mas pode mais que todas  
Um dedo só de Jove.

Este Deus converteu em flor mimosa,  
A quem seu nome deram, a Narciso;  
Fez de muitos os Astros  
Qu'inda no Céu diviso.

Ele pode livrar-me das injúrias  
Do néscio, do atrevido, ingrato povo;  
Em nova flor mudar-me,  
Mudar-me em Astro novo.

Porém se os justos Céus, por fins ocultos,  
Em tão tirano mal me não socorrem,



Verás então que os sábios,  
Bem como vivem, morrem.

Eu tenho um coração maior que o mundo,  
Tu, formosa Marília, bem o sabes:  
Um coração, e basta,  
Onde tu mesma cabes.

### Lira III

Sucede, Marília bela,  
À medonha noite o dia;  
A estação chuvosa e fria  
À quente, seca estação.  
Muda-se a sorte dos tempos;  
Só a minha sorte não?

Os troncos, nas Primaveras  
Brotam em flores, viçosos;  
Nos Invernos escabrosos  
Largam as folhas no chão.  
Muda-se a sorte dos tempos;  
Só a minha sorte não?

Aos brutos, Marília, cortam  
Armadas redes os passos;  
Rompem depois os seus laços,  
Fogem da dura prisão.  
Muda-se a sorte dos brutos;  
Só a minha sorte não?





Nenhum dos homens conserva

Alegre sempre o seu rosto;

Depois das penas vem gosto,

Depois do gosto aflição.

Muda-se a sorte dos homens;

Só a minha sorte não?

Aos altos Deuses moveram

Soberbos Gigantes guerra;

No mais tempo o Céu e a Terra

Lhes tributa adoração.

Muda-se a sorte dos Deuses;

Só a minha sorte não?

Há de, Marília, mudar-se

Do destino a inclemência;

Tenho por mim a inocência,

Tenho por mim a razão.

Muda-se a sorte de tudo;

Só a minha sorte não?

O tempo, ó bela, que gasta

Os troncos, pedras e o cobre,

O véu rompe, com que encobre

À verdade a vil traição.

Muda-se a sorte de tudo;

Só a minha sorte não?

Qual eu sou, verá o mundo;

Mais me dará do que eu tinha,



Tornarei a ver-te minha:

Que feliz consolação!

Não há de tudo mudar-se;

Só a minha sorte não?

#### Lira IV

Já, já me vai, Marília, branquejando

Louro cabelo, que circula a testa;

Este mesmo, que alveja, vai caindo

E pouco já me resta.

As faces vão perdendo as vivas cores

E vão-se sobre os ossos enrugando,

Vai fugindo a viveza dos meus olhos;

Tudo se vai mudando.

Se quero levantar-me, as costas vergam;

As forças dos meus membros já se gastam;

Vou a dar pela casa uns curtos passos,

Pesam-me os pés e arrastam.

Se algum dia me vires desta sorte,

Vê que assim me não pôs a mão dos anos;

Os trabalhos, Marília, os sentimentos

Fazem os mesmos danos.

Mal te vir, me dará em poucos dias

A minha mocidade o doce gosto;

Verás brunir-se a pele, o corpo encher-se,

Voltar a cor ao rosto.





No calmoso Verão as plantas secam;  
Na Primavera, que aos mortais encanta,  
Apenas cai do Céu o fresco orvalho,  
Verdeja logo a planta.

A doença deforma a quem padece;  
Mas logo que a doença fez seu termo,  
Torna, Marília, a ser quem era dantes  
O definhado enfermo.

Supõe-me qual doente, ou qual a planta,  
No meio da desgraça que me altera:  
Eu também te suponho qual saúde,  
Ou qual a Primavera.

Se dão esses teus meigos, vivos olhos  
Aos mesmos Astros luz e vida às flores,  
Que efeitos não farão em quem por eles  
Sempre morreu de amores?

#### Lira V

Os mares, minha bela, não se movem;  
O brando Norte assopra, nem diviso  
Uma nuvem sequer na Esfera toda;  
O destro Nauta aqui não é preciso;  
Eu só conduzo a nau, eu só modero  
Do seu governo a roda.

Mas ah! que o Sul carrega, o mar se empola,





Rasga-se a vela, o mastaréu se parte!  
Qualquer varão prudente aqui já teme;  
Não tenho a necessária força e arte.  
Corra o sábio Piloto, corra e venha  
Reger o duro leme.

Como sucede à nau no mar, sucede  
Aos homens na ventura e na desgraça;  
Basta ao feliz não ter total demência;  
Mas quem de venturoso a triste passa,  
Deve entregar o leme do discurso  
Nas mãos da sã prudência.

Todo o Céu se cobriu, os raios chovem;  
E esta alma, em tanta pena consternada,  
Nem sabe aonde possa achar conforto.  
Ah! não, não tardes, vem, Marília amada,  
Toma o leme da nau, mareia o pano,  
Vai-a salvar no Porto!

Mas ouço já de Amor as sábias vozes:  
Ele me diz que sofra, se não, morro;  
E perco então, se morro, uns doces laços.  
Não quero já, Marília, mais socorro;  
Oh! ditoso sofrer, que lucrar pode  
A glória dos teus braços!

#### Lira VI

De que te queixas,  
Língua importuna?





De que a Fortuna

Roubar-te queira

O que te deu?

Esse foi sempre

O gênio seu.

Levou, Marília,

A ímpia sorte

Catões à morte;

Nem sepultura

Lhes concedeu.

Esse foi sempre

O gênio seu.

A outros muitos,

Que vis nasceram,

Nem mereceram,

A grandes tronos

A ímpia ergueu.

Esse foi sempre

O gênio seu.

Espalha a cega

Sobre os humanos

Os bens e os danos

E a quem se devam

Nunca escolheu.

Esse foi sempre

O gênio seu.





A quanto é justo  
Jamais se dobra;  
Nem igual obra  
Cos mesmos Deuses  
Do claro Céu.

Esse foi sempre  
O gênio seu.

Sobe ao Céu Vênus  
Num carro ufano;  
E cai Vulcano  
Da pura esfera  
Em que nasceu.

Esse foi sempre  
O gênio seu.

Mas não me rouba,  
Bem que se mude,  
Honra e virtude:  
Que o mais é dela,  
Mas isto é meu.

Esse foi sempre  
O gênio seu.

#### Lira VII

Meu prezado Glauceste,  
Se fazes o conceito  
Que, bem que réu, abrigo  
A cândida Virtude no meu peito;  
Se julgas, digo, que mereço ainda







Da tua mão socorro;  
Ah! vem dar-mo agora,  
Agora, sim, que morro!

Não quero que, montado  
No Pégaso fogoso,  
Venhas com dura lança  
Ao monstro infame traspassar, raivoso.  
Deixa que viva a pérfida calúnia  
E forje o meu tormento:  
Com menos, meu Glauceste,  
Com menos me contento.

Toma a lira dourada  
E toca um pouco nela;  
Levanta a voz celeste  
Em parte que te escute a minha Bela;  
Enche todo o contorno de alegria;  
Não sofras que o desgosto  
Afogue em pranto amargo  
O seu divino rosto.

Eu sei, eu sei, Glauceste,  
Que um bom Cantor havia,  
Que os brutos amansava,  
Que os troncos e os penedos atraía.  
De outro destro Cantor também afirma  
A sábia Antiguidade,  
Que as muralhas erguera  
De uma grande Cidade.





Orfeu as cordas fere:  
O som delgado e terno  
Ao Rei Plutão abranda,  
E o deixa, que penetre o fundo Averno.  
Ah! tu a nenhum cedas, meu Glauceste,  
Na lira e mais no canto;  
Podes fazer prodígios,  
Obrar ou mais, ou tanto.

Levanta pois as vozes:  
Que mais, que mais esperas?  
Consola um peito aflito;  
Que é menos ainda, que domar as feras.  
Com isso me darás no meu tormento  
Um doce lenitivo;  
Que enquanto a bela vive,  
Também, Glauceste, vivo.

### Lira VIII

Eu vejo, ó minha bela, aquele númen,  
A quem o nome deram de Fortuna;  
Pega-me pelo braço  
E com voz importuna  
Me diz que mova o passo;  
Que entre no grande Templo em que se encerra  
Quanto o destino manda  
Que ela obre sobre a terra.

Que coisas portentosas nele encontro!  
Eu vejo a pobre fundação de Roma;





Vejo-a queimar Cartago;  
Vejo que as gentes doma;  
E vejo o seu estrago.  
Lá floresce o poder do Assírio Povo;  
Aqui os Medos crescem  
E os perde um braço novo.

Então me diz a Deusa: “E que pretendes?  
Todas estas Medalhas ver agora?  
Ah! não, não sejas louco!  
Espaço de anos fora  
Para isso ainda pouco.  
Deixa estranhos sucessos, vem comigo;  
Verás quanto inda deve  
Acontecer contigo”.

Levou-me aonde estava a minha história,  
Que toda me explicou com modo e arte.  
“Tirei-te libras de ouro”,  
Me diz, “e quero dar-te  
Todo aquele tesouro”.  
“Não suspira por bens um peito nobre”,  
Severo lhe respondo,  
“Vivo afeito a ser pobre”.

Aqui me enrugam a Deusa, irada, a testa,  
E fica sem falar um breve espaço.  
“Alegre, alegre o rosto”,  
Prossegue, “ali te faço  
Restituir o posto”.



Respondo em ar de mofa e tom sereno:

“Conheço-te, Fortuna,  
Posso morrer pequeno”.

“Aqui te dou”, me diz, “a tua amada”.

Então me banho todo de alegria.

“Cuidei”, me torna a cega,  
“Que essa alma não queria  
Nem esta mesma entrega”.

“É esse o bem”, respondo, “que me move;  
Mas este bem é santo,  
Vem só da mão de Jove”.

Queria mais falar; eu, insofrido,  
Desta maneira rompo os seus acentos:

“Basta, Fortuna, basta;  
Estes breves momentos  
Lá noutras coisas gasta;

Da minha sorte nada mais contemplo”.

E, chamando Marília,  
Suspiro e deixo o Templo.

### Lira IX

A estas horas  
Eu procurava  
Os meus Amores;  
Tinham-me inveja  
Os mais Pastores.

A porta abria,





Inda esfregando  
Os olhos belos,  
Sem flor nem fita  
Nos seus cabelos.

Ah! que assim mesmo,  
Sem compostura,  
É mais formosa  
Que a estrela d'alva,  
Que a fresca rosa!

Mal eu a via,  
Um ar mais leve  
(Que doce efeito!)  
Já respirava  
Meu terno peito.

Do cerco apenas  
Soltava o gado,  
Eu lhe animava  
Aquela ovelha  
Que mais amava.

Dava-lhe sempre,  
No rio e fonte,  
No prado e selva,  
Água mais clara,  
Mais branda relva.

No colo a punha;





Então, brincando,  
A mim a unia;  
Mil coisas ternas  
Aqui dizia.

Marília, vendo  
Que eu só com ela  
É que falava,  
Ria-se a furto  
E disfarçava.

Desta maneira,  
Nos castos peitos  
De dia em dia  
A nossa chama  
Mais se acendia.

Ah! quantas vezes,  
No chão sentado,  
Eu lhe lavrava  
As finas rocas  
Em que fiava!

Da mesma sorte  
Que à sua amada,  
Que está no ninho,  
Fronteiro canta  
O passarinho.

Na quente sesta,





Dela defronte,  
Eu me entretinha,  
Movendo o ferro  
Da sanfoninha.

Ela, por dar-me  
De ouvir o gosto,  
Mais se chegava;  
Então, vaidoso,  
Assim cantava:

“Não há Pastora,  
Que chegar possa  
À minha bela,  
Nem quem me iguale  
Também na estrela.

Se Amor concede  
Que eu me recline  
No branco peito,  
Eu não invejo  
De Jove o leito.

Ornam seu peito  
As sãs virtudes  
Que nos namoram;  
No seu semblante  
As Graças moram”.

Assim vivia;



Hoje em suspiros  
O canto mudo:  
Assim, Marília,  
Se acaba tudo.

#### Lira X

Arde o velho barril, arde a cabeça,  
Em honra de João na larga rua;  
O crédulo Mortal agora indaga  
Qual seja a sorte sua.

Eu não tenho alcachofra que à luz chegue  
E nela orvalhe o Céu de madrugada,  
Para ver se rebentam novas folhas  
Aonde foi queimada.

Também não tenho um ovo que despeje  
Dentro dum copo d'água e possa nela  
Fingir Palácios grandes, altas Torres,  
E uma Nau à vela.

Mas, ah! em bem me lembre: eu tenho ouvido  
Que na boca um bochecho d'água tome  
E atrás de qualquer porta atento esteja,  
Até ouvir um nome.

Que o nome que primeiro ouvir, é esse  
O nome que há de ter a minha amada.  
Pode verdade ser; se for mentira,  
Também não custa nada.







Vou tudo executar e de repente  
Ouvi dizer o nome de Filena;  
Despejo logo a boca: ah! não sei como  
Não morro ali de pena!

Aparece Cupido; então, soltando  
Em ar de zombaria uma risada:  
“E que tal”, me pergunta, “esteve a peça?  
Não foi bem pregada?”

Eu já te disse que Marília é tua;  
Tu fazes do meu dito tanta conta,  
Que vais acreditar o que te ensina  
Velha mulher já tonta?”

Humilde lhe respondo: “Quem debaixo  
Do açoite da Fortuna aflito geme,  
Nas mesmas coisas que só são brinquedos  
Se agouram males, teme”.

#### Lira XI

Se acaso não estou no fundo Averno,  
Padece, ó minha bela, sim, padece  
O peito amante e terno  
As aflições tiranas, que aos Precitos  
Arbitra Radamanto, em justa pena  
Dos bárbaros delitos.

As Fúrias infernais rangendo os dentes,





Com a mão descarnada não me aplicam  
As raivosas serpentes;  
Mas cercam-me outros monstros mais irados:  
Mordem-me sem cessar as bravas serpes  
De mil e mil cuidados.

Eu não gasto, Marília, a vida toda  
Em lançar o penedo da montanha  
Ou em mover a roda;  
Mas tenho ainda mais cruel tormento:  
Por coisas que me afligem, roda e gira  
Cansado pensamento.

Com retorcidas unhas agarrado  
Às tépidas entranhas, não me come  
Um abutre esfaimado;  
Mas sinto de outro monstro a crueldade:  
Devora o coração, que mal palpita,  
O abutre da saudade.

Não vejo os pomos nem as águas vejo  
Que de mim se retiram, quando busco  
Fartar o meu desejo;  
Mas quer, Marília, o meu destino ingrato  
Que lograr-te não possa, estando vendo  
Nesta alma o teu retrato.

Estou no Inferno, estou, Marília bela;  
E numa coisa só é mais humana  
A minha dura estrela:



Uns não podem mover do Inferno os passos;  
Eu pretendo voar, e voar cedo,  
À glória dos teus braços.

### Lira XII

Ah! Marília, que tormento  
Não tens de sentir, saudosa!  
Não podem ver os teus olhos  
A campina deleitosa,  
Nem a tua mesma Aldeia,  
Que, tiranos, não proponham  
À inda inquieta ideia  
Uma imagem de aflição.

Mandarás aos surdos Deuses  
Novos suspiros em vão.

Quando lewares, Marília,  
Teu ledó rebanho ao prado,  
Tu dirás: "Aqui trazia  
Dirceu também o seu gado".  
Verás os sítios ditosos  
Onde, Marília, te dava  
Doces beijos amorosos  
Nos dedos da branca mão.

Mandarás aos surdos Deuses  
Novos suspiros em vão.

Quando à janela saíres,





Sem queres, descuidada,  
Tu verás, Marília, a minha  
E minha pobre morada.  
Tu dirás então contigo:  
“Ali Dirceu esperava  
Para me levar consigo;  
E ali sofreu a prisão”.

Mandarás aos surdos Deuses  
Novos suspiros em vão.

Quando vires igualmente  
Do caro Glauceste a choça,  
Onde alegres se juntavam  
Os poucos da escolha nossa,  
Pondo os olhos na varanda  
Tu dirás, de mágoa cheia:  
“Todo o congresso ali anda,  
Só o meu Amado não”.

Mandarás aos surdos Deuses  
Novos suspiros em vão.

Quando passar pela rua  
O meu companheiro honrado,  
Sem que me vejas com ele  
Caminhar emparelhado,  
Tu dirás: “Não foi tirana  
Somente comigo a sorte;  
Também cortou, desumana,  
A mais fiel união”.

Mandarás aos surdos Deuses



Novos suspiros em vão.

Numa masmorra metido,  
Eu não vejo imagens destas,  
Imagens, que são por certo  
A quem adora funestas.  
Mas se existem, separadas  
Dos inchados, roxos olhos,  
Estão, que é mais, retratadas  
No fundo do coração.

Também mando aos surdos Deuses  
Tristes suspiros em vão.

### Lira XIII

Vês, Marília, um cordeiro  
De flores enramado,  
Como alegre caminha  
A ser sacrificado?

O Povo para Templo já concorre;  
A Pira sacrossanta já se acende;  
O Ministro o fere: ele bala e morre.

Vês agora o novilho,  
A quem segura o laço?  
No chão as mãos espreca,  
Nem quer mover um passo.  
Não conhece que sai de um mau terreno,  
Que o forte pulso, que a seguir o arrasta,  
O conduz a viver num campo ameno.



Ignora o bruto como  
Lhe dispomos a sorte:  
Um vai forçado à vida,  
Vai outro alegre à morte.  
Nós temos, minha bela, igual demência:  
Não sabemos os fins com que nos move  
A sábia, oculta Mão da Providência.

De Jacó ao bom filho  
Os maus matar quiseram;  
De conselho mudaram:  
Como escravo o venderam.  
José não corre a ser um servo aflito:  
Vai subindo os degraus, por onde chega  
A ser um quase Rei no grande Egito.

Quem sabe se o Destino  
Hoje, ó bela, me prende.  
Só porque nisto de outros  
Mais danos me defende?  
Pode ainda raiar um claro dia;  
Mas quer raie, quer não, ao Céu adoro  
E beijo a santa mão que assim me guia.

#### Lira XIV

Alma digna de mil Avós Augustos!  
Tu sentes, tu soluças,  
Ao ver cair os justos;  
Honras as santas leis da Humanidade;  
E os teus exemplos deve



Gravar com letras de ouro no seu Templo  
A cândida Amizade.

Não é, não é de Herói uma alma forte,  
Que vê com rosto enxuto  
No seu igual a morte.

Não é também de Herói um peito duro,  
Que a sua glória firma  
Em que lhe não resiste ao ferro e fogo  
Nem legião, nem muro.

Oh! quanto o ousado Chefe me namora,  
Quando vê a cabeça  
Do bom Pompeu e chora!  
É grande para mim quem move os passos  
E de Dario aos filhos,  
Que como escravos seus tratar pudera,  
Recebe nos seus braços.

Se alcança Eneias, Capitão piedoso,  
Entre os heróis do mundo  
Um nome glorioso,  
Não é porque levanta uma cidade;  
É, sim, porque nos ombros  
Salvou do incêndio ao Pai, a quem detinha  
A mão da branca idade.

Ah! se ao meu contrário entre as chamas vira,  
Eu mesmo, sim, da morte  
Aos ombros o remira;





Inda por ele muito mais obrara;  
E, se nada servisse,  
Fizera então, Amigo, o que fizeste:  
Genera e suspirara.

Oh! quanto são duráveis as cadeias  
De uma amizade quando  
Se dão iguais ideias!  
Se, apesar dos estorvos, se sustinha  
Nossa união sincera  
Foi por ser a minha alma igual à tua,  
E a tua igual à minha.

Se ó caro Amigo te merece tanto,  
Lá lhe fica a sua alma,  
Limpa-lhe o terno pranto.  
De quem eu falo, és tu, Marília bela.  
Ah! sim, honrado Amigo,  
Se enxugar não puderes os seus olhos,  
Pranteia então com ela.

#### Lira XV

Eu, Marília, não fui nenhum Vaqueiro,  
Fui honrado Pastor da tua Aldeia;  
Vestia finas lãs e tinha sempre  
A minha choça do preciso cheia.  
Tiraram-me o casal e o manso gado,  
Nem tenho a que me encoste um só cajado.

Para ter que te dar, é que eu queria







De mor rebanho ainda ser o dono;  
Prezava o teu semblante, os teus cabelos  
Ainda muito mais que um grande Trono.  
Agora que te oferte já não vejo,  
Além de um puro amor, de um são desejo.

Se o rio levantado me causava,  
Levando a sementeira, prejuízo,  
Eu alegre ficava, apenas via  
Na tua breve boca um ar de riso.  
Tudo agora perdi; nem tenho o gosto  
De ver-te ao menos compassivo o rosto.

Propunha-me dormir no teu regaço  
As quentes horas da comprida sesta,  
Escrever teus louvores nos olmeiros,  
Toucar-te de papoulas na floresta.  
Julgou o justo Céu que não convinha  
Que a tanto grau subisse a glória minha.

Ah! minha bela, se a Fortuna volta,  
Se o bem, que já perdi, alcanço e provo,  
Por essas brancas mãos, por essas faces  
Te juro renascer um homem novo,  
Romper a nuvem que os meus olhos cerra,  
Amar no céu a Jove e a ti na terra!

Fiadas comprarei as ovelhinhas,  
Que pagarei dos poucos do meu ganho;  
E dentro em pouco tempo nos veremos





Senhores outra vez de um bom rebanho.  
Para o contágio lhe não dar, sobeja  
Que as afague, Marília, ou só que as veja.

Se não tivermos lãs e peles finas,  
Podem mui bem cobrir as carnes nossas  
As peles dos cordeiros mal curtidas  
E os panos feitos com as lãs mais grossas.  
Mas ao menos será o teu vestido  
Por mãos de amor, por minhas mão cosido.

Nós iremos pescar na quente sesta  
Com canas e com cestos os peixinhos;  
Nós iremos caçar nas manhãs frias  
Com a vara envisgada os passarinhos.  
Para nos divertir faremos quanto  
Reputa o varão sábio, honesto e santo.

Nas noites de serão nos sentaremos  
Cos filhos, se os tivermos, à fogueira:  
Entre as falsas histórias que contares,  
Lhes contarás a minha, verdadeira.  
Pasmados te ouvirão; eu, entretanto,  
Ainda o rosto banharei de pranto.

Quando passarmos juntos pela rua,  
Nos mostrarão co dedo os mais Pastores,  
Dizendo uns para os outros: "Olha os nossos  
Exemplos da desgraça, e são amores".  
Contentes viveremos dessa sorte,



Até que chegue a um dos dois a morte.

### Lira XVI

Vejo, Marília,  
Que o nédio gado  
Anda disperso  
No monte e prado;  
Que assim sucede  
Ao desgraçado,  
Que a perder chega  
O seu Pastor.  
Mas inda sofro  
A viva dor.

Também conheço  
Que os Pegureiros  
Que apascentavam  
Os meus cordeiros  
Darão suspiros,  
E verdadeiros,  
Porque perderam  
Um pai no amor.  
Mas inda sofro  
A viva dor.

Eu mais alcanço  
Que a minha herdade,  
Estando eu preso,  
Sofrer não há de  
Nem a charrua





E nem a grade,  
Que a mão lhe falta  
Do Lavrador.

Mas inda sofro  
A viva dor.  
Mas quando sobe  
À minha ideia  
Que tu ficaste  
Lá nessa Aldeia,  
De mil cuidados  
E mágoa cheia,  
Das paixões minhas  
Não sou senhor.  
Eu já não sofro  
A viva dor.

A quanto chega  
A pena forte!  
Pesa-me a vida,  
Desejo a morte,  
A Jove acuso,  
Maldigo a sorte,  
Trato a Cupido  
Por um traidor.  
Eu já não sofro  
A viva dor.

Mas esse excesso  
Perdão merece,





E dele Jove  
se compadece:  
Que Jove, ó bela,  
Mui bem conhece  
Aonde chega  
Paixão de amor.  
Eu já não soffro  
A viva dor.

### Lira XVII

Dirceu te deixa, ó bela,  
De padecer cansado;  
Frio suor já banha  
Seu rosto descorado;  
O sangue já não gira pela veia;  
Seus pulsos já não batem,  
E a clara luz dos olhos se baceia:  
A lágrima sentida já lhe corre;  
Já pára a convulsão, suspira e morre.

Seu espírito chega  
Onde se pune o erro:  
Late o cão e se lhe abrem  
Grossos portões de ferro.  
Aos severos Juizes se apresenta  
E com sentidas vozes  
Toda a sua tragédia representa:  
Enche-se de ternura e novo espanto  
O mesmo inexorável Radamanto.





Abre um, pasmado, a boca  
E a pedra não despede;  
Outro já não se lembra  
Da fome e mais da sede;  
Descansa o curvo bico e a garra impia  
Negro abutre esfaimado;  
Nem na roca medonha a Parca fia.  
Até as mesmas Fúrias inclementes  
Deixam cair das unhas as serpentes.

Já votam os Juízes;  
E o Rei Plutão lhe ordena  
Deixe o sítio, em que ficam  
Almas dignas de pena.  
Já sai do escuro Reino e da memória  
Lhe passa tudo quanto  
Ou pode dar-lhe mágoa ou dar-lhe glória;  
Só, bem que o gosto as turvas águas tome,  
Inda, Marília, inda diz teu nome.

Entra já nos Elísios,  
Campinas venturosas,  
Que mansos rios cortam,  
Que cobrem sempre as rosas.  
Escuta o canto das sonoras aves  
E bebe as águas puras,  
Que o mel e do que o leite mais suaves.  
“Aqui”, diz ele, “espero a minha bela,  
Aqui contente viverei com ela”.





Aqui... Porém aonde  
Me leva a dor ativa?  
É ilusão desta alma;  
Jove inda quer que eu viva.  
Eu devo, sim, gozar teus doces laços;  
E em paga de meus males,  
Devo morrer, Marília, nos teus braços;  
Então eu passarei ao Reino amigo,  
E tu irás depois lá ter comigo.

### Lira XVIII

Não molho, Marília,  
De pranto a masmorra  
Que o terno Cupido  
Não voe não corra  
A i-lo apanhar.  
Estende-o nas asas,  
Sobre ele suspira,  
Por fim se retira  
E vai-to levar.

Se o moço não mente,  
Aos tristes gemidos,  
Aos ais lastimosos  
Não guardes unidos,  
Marília, cos teus;  
As lágrimas nossas  
No seio amontoa,  
Forma asas e voa,  
Vai pô-las nos céus.





A Deusa formosa,  
Que amava aos Troianos,  
Livrá-los querendo  
De riscos e danos,  
A Jove buscou.  
As águas, que o rosto  
Da Deusa banharam  
A Jove abrandaram  
e assim os salvou.

Confia-te, ó bela,  
Confia-te em Jove;  
Ainda se abranda,  
Ainda se move  
Com ânsias de amor.  
O pranto de Vênus,  
Que obrou no Pai tanto,  
Não tem que o teu pranto  
Apreço maior.

#### Lira XIX

Nesta triste masmorra,  
De um semivivo corpo sepultura,  
Inda, Marília, adoro  
A tua formosura.  
Amor na minha ideia te retrata;  
Busca, extremoso, que eu assim resista  
À dor imensa que me cerca e mata.







Quando em meu mal pondero,  
Então mais vivamente te diviso:  
Vejo o teu rosto e escuto  
A tua voz e riso.  
Movo ligeiro para o vulto os passos:  
Eu beijo a tibia luz em vez de face  
E aperto sobre o peito em vão os braços.

Conheço a ilusão minha;  
A violência da mágoa não suporto;  
Foge-me a vista e caio,  
Não sei se vivo ou morto.  
Enternece-se Amor de estrago tanto;  
Reclina-me no peito e, com mão terna,  
Me limpa os olhos do salgado pranto.

Depois que represento  
Por largo espaço a imagem de um defunto,  
Movo os membros, suspiro  
E onde estou pergunto.  
Conheço então que Amor me tem consigo;  
Ergo a cabeça, que inda mal sustento,  
E com doente voz assim lhe digo:

“Se queres ser piedoso,  
Procura o sítio em que Marília mora,  
Pinta-lhe o meu estrago,  
E vê, Amor, se chora.  
Se a lágrimas verter a dor a arrasta,  
Uma delas me traz sobre as penas



E para alívio meu só isso basta”.

### Lira XX

Se me viras com teus olhos  
Nesta masmorra metido,  
De mil ideias funestas  
E cuidados combatido,  
Qual seria, ó minha bela,  
Qual seria o teu pesar!

À força da dor cedera  
E nem estaria vivo,  
Se o menino Deus vendado,  
Extremoso e compassivo,  
Com o nome de Marília  
Não me viesse animar.

Deixo a cama ao romper d'alva;  
O meio-dia tem dado  
E o cabelo ainda flutua  
Pelas costas desgrenhado.  
Não tenho valor, não tenho,  
Nem para de mim cuidar.

Diz-me Cupido: “E Marília  
Não estima este cabelo?  
Se o deixas perder de todo,  
Não se há de enfadar ao vê-lo?”  
Suspiro, pego no pente,  
Vou logo o cabelo atar.





Vem um tabuleiro entrando  
De vários manjares cheio;  
Põe-se na mesa a toalha  
E eu pensativo passeio;  
De todo o comer esfria,  
Sem nele poder tocar.

“Eu entendo que matar-te”,  
Diz Amor, “ te tens proposto.  
Fazes bem: terá Marília  
Desgosto sobre desgosto”.  
Qual enfermo co remédio,  
Me aflijo, mas vou jantar.

Chegam as horas, Marília,  
Em que o Sol já se tem posto;  
Vem-me à memória que nelas  
Vi à janela o teu rosto:  
Reclino na mão a face  
E entro de novo a chorar.

Diz-me Cupido: “Já basta,  
Já basta, Dirceu, de pranto;  
Em obséquio de Marília  
Vai erguer teu doce canto”.  
Pendem as fontes dos olhos,  
Mas eu sempre vou cantar.

Vem o Forçado acender-me





A velha, suja candeia:  
Fica, Marília, a masmorra  
Inda mais triste e feia.  
Nem mais canto, nem mais posso  
Uma só palavra dar.

Diz-me Cupido: “São horas  
De escrever-se o que está feito”.  
Do azeite e da fumaça  
Uma nova tinta ajeito;  
Tomo o pau, que pena finge,  
Vou as Liras copiar.

Sem que chegue o leve sono,  
Canta o Galo a vez terceira;  
Eu digo ao Amor que fico  
Sem deitar-me a noite inteira;  
Faço mimos e promessas  
Para ele me acompanhar.

Ele diz que em dormir cuide,  
Que hei de ver Marília em sonho;  
Não respondo uma palavra;  
A dura cama componho,  
Apago a triste candeia  
E vou-me logo deitar.

Como pode a tais cuidados  
Resistir, ó minha Bela,  
Quem não tem de Amor a graça,



Se eu, que vivo à sombra dela,  
Inda vivo desta sorte,  
Sempre triste a suspirar?

**Lira XXI**

Que diversas que são, Marília, as horas  
Que passo na masmorra imunda e feia,  
Dessas horas felizes, já passadas  
Na tua pátria Aldeia!

Então eu me ajuntava com Glauceste;  
E à sombra de alto Cedro na Campina  
Eu versos te compunha, e ele os compunha  
À sua cara Eulina.

Cada qual o seu canto aos Astros leva;  
De exceder um ao outro qualquer trata;  
O eco agora diz: “Marília terna”;  
E logo: “Eulina ingrata”.

Deixam os mesmos Sátiros as grutas.  
Um para nós ligeiro move os passos;  
Ouve-nos de mais perto e faz a flauta  
Cos pés em mil pedaços.

“Dirceu”, clama um pastor, “ah! bem merece  
Da cândida Marília a formosura”.  
“E aonde”, clama o outro, “quer Eulina  
Achar maior ventura?”



Nenhum Pastor cuidava do rebanho,  
Enquanto em nós durava esta porfia;  
E ela, ó minha amada, só findava  
Depois de acabar-se o dia.

À noite te escrevia na cabana  
Os versos que de tarde havia feito;  
Mal tos dava e os lias, os guardavas  
No casto e branco peito.

Beijando os dedos dessa mão formosa,  
Banhados com as lágrimas do gosto,  
Jurava não cantar mais outras graças  
Que as graças do teu rosto.

Ainda não quebrei o juramento;  
Eu agora, Marília, não as canto;  
Mas inda vale mais que os doces versos  
A voz do triste pranto.

#### Lira XXII

Por morto, Marília,  
Aqui me reputo:  
Mil vezes escuto  
O som do arrastado  
E duro grilhão.  
Mas ah! que não treme,  
Não treme de susto  
O meu coração!





A chave lá soa  
Na porta segura:  
Abre-se a escura  
Infame masmorra  
Da minha prisão.  
Mas ah! que não treme,  
Não treme de susto  
O meu coração!

Já Torres se assenta;  
Carrega-me o rosto;  
Do crime suposto  
Com mil artifícios  
Indaga a razão.  
Mas, ah! que não treme,  
Não treme de susto  
O meu coração!

Eu vejo, Marília,  
A mil inocentes,  
Nas cruzes pendentes,  
Por falsos delitos  
Que os homens lhes dão.  
Mas, ah! que não treme,  
Não treme de susto  
O meu coração!

Se penso que posso  
Perder o gozar-te





E a glória de dar-te  
Abraços honestos  
E beijos na mão,  
Marília, já treme,  
Já treme de susto  
O meu coração!

Repara, Marília,  
O quanto é mais forte  
Ainda que a morte,  
Num peito esforçado,  
De amor a paixão.  
Marília, já treme,  
Já treme de susto  
O meu coração!

### Lira XXIII

Não praguejes, Marília, não praguejes  
A justiceira mão, que lança os ferros;  
Não traz debalde a vingadora espada;  
Deve punir os erros.

Virtudes de Juiz, virtudes de homem  
As mãos se deram e em seu peito moram.  
Manda prender ao Réu austera a boca,  
Porém seus olhos choram.

Se à inocência denigre a vil calúnia,  
Que culpa aquele tem, que aplica a pena?  
Não é o Julgador, é o processo





E a lei, quem nos condena.

Só no Averno os Juizes não recebem  
Acusação nem prova de outro humano;  
Aqui todos confessam suas culpas,  
Não pode haver engano.

Eu vejo as Fúrias afligindo aos tristes:  
Uma o fogo chega, outra as serpes move;  
Todos maldizem sim a sua estrela,  
Nenhum acusa a Jove.

Eu também inda adoro ao grande Chefe,  
Bem que a prisão me dá, que eu não mereço.  
Qual eu sou, minha Bela, não me trata,  
Trata-me qual pareço.

Quem suspira, Marília, quando pune  
Ao vassalo que julga delinquente,  
Que gosto não terá, podendo dar-lhe  
Às honras de inocente?

Tu vences, Barbacena, aos mesmos Titos  
Nas sãs virtudes, que no peito abrigas:  
Não honras tão-somente a quem premeias,  
Honras a quem castigas.

#### Lira XXIV

Eu vou, Marília, vou brigar coas feras!  
Uma soltaram, eu lhe sinto os passos;





Aqui, aqui a espero

Nestes despidos braços.

É um malhado tigre; a mim já corre,  
Ao peito o aperto, estalam-lhe as costelas,  
Desfalece, cai, urra, treme e morre.

Vem agora um Leão: sacode a grenha,  
Com faminta paixão a mim se lança;

Venha embora, que o pulso

Ainda não se cansa.

Oprimo-lhe a garganta, a língua estira,  
O corpo lhe fraqueia, os olhos incham,  
Açoita o chão, convulso, arqueja e expira.

Mas que vejo, Marília! Tu te assustas?

Entendes que os destinos, inumanos,

Expõem a minha vida

No circo dos Romanos?

Com ursos e com onças eu não luto:

Luto co bravo monstro, que me acusa,

Que os tigres e leões mais fero e bruto.

Embora contra mim, raivoso, esgrima

Da vil calúnia a cortadora espada,

Uma alma qual eu tenho

Não se receia a nada.

Eu hei de, sim, punir-lhe a insolência,

Pisar-lhe o negro colo, abrir-lhe o peito

Coas armas invencíveis da inocência.



Ah! quando imaginar, que vingativo  
Mando que desça ao Tártaro profundo,  
Hei de com mão honrada  
Erguer-lhe o corpo imundo.  
Eu então lhe direi: “Infame, indino,  
Obras como costuma o vil humano;  
Faço o que faz um coração divino”.

**Lira XXV**

Minha Marília,  
O passarinho,  
A quem roubaram  
Ovos e ninho,  
Mil vezes pausa  
No seu raminho;  
Piando finge  
Que anda a chorar.

Mas logo voa  
Pela espessura,  
Nem mais procura  
Este lugar.

Se acaso a vaca  
Perde a vitela,  
Também nos mostra  
Que se desvela:  
O pasto deixa,  
Muge por ela,  
Até na estrada  
A vem buscar.





Em poucos dias,  
Ao que parece,  
Dela se esquece  
E vai pastar.

O voraz Tempo,  
Que o ferro come,  
Que aos mesmos Reinos  
Devora o nome,  
Também, Marília,  
Também consome  
Dentro do peito  
Qualquer pesar.

Ah! só não pode  
Ao meu tormento  
Por um momento  
Alívio dar!

Também, ó bela,  
Não há quem viva  
Instantes breves  
Na chama ativa;  
Derrete ao bronze,  
Sendo excessiva,  
Ao mesmo seixo  
Faz estalar.

Mas do amianto  
A febra dura  
Na chama atura  
Sem se queimar.





Também, Marília,  
Não há quem negue,  
Que, bem que o fogo  
Nos óleos pegue,  
Que, bem que em línguas  
Às nuvens chegue,  
À força d'água  
Se há de apagar.

Se a negra pedra  
Nós acendemos,  
Com água a vemos  
Mais s'inflamar.

O meu discurso,  
Marília, é reto;  
A pena iguala  
Ao meu afeto;  
O amor que nutro  
Ao teu aspecto  
E ao teu semblante  
É singular.

Ah! nem o tempo,  
Nem inda a morte  
A dor tão forte  
Pode acabar!

#### Lira XXVI

Aquele a quem fez cego a Natureza,  
Co bordão apalpa e aos que veem pergunta;



Ainda se despenha muitas vezes  
E dois remédios junta!

De ser cega a Fortuna eu não me queixo,  
Sim me queixo de que má cega seja:  
Cega que nem pergunta nem apalpa,  
É porque errar deseja.

A quem não tem virtudes nem talentos,  
Ela, Marília, faz de um cetro dono;  
Cria num pobre berço uma alma digna  
De se sentar num trono.

A quem gastar não sabe nem se anima  
Entrega as grossas chaves de um tesouro;  
E lança na miséria a quem conhece  
Para que serve o ouro.

A quem fere, a quem rouba, a infame deixa  
Que atrás do vício em liberdade corra;  
Eu honro as leis do Império, ela me oprime  
Em esta vil masmorra.

Mas ah! minha Marília, que esta queixa  
Coa sólida razão se não coaduna!  
Como me queixo da Fortuna tanto,  
Se sei não há Fortuna?

Os Fados, os Destinos, essa Deusa  
Que os Sábios fingem que uma roda move,



É só a oculta mão da Providência,  
A sábia mão de Jove.

Nós é que somos cegos, que não vemos  
A que fins nos conduz por estes modos;  
Por torcidas estradas, ruins veredas  
Caminha ao bem de todos.  
Alegre-se o perverso com as ditas;  
Co seu merecimento o virtuoso;  
Parecer desgraçado, ó minha bela,  
É muito mais honroso.

**Lira XXVII**

A minha amada  
É mais formosa  
Que branco lírio,  
Dobrada rosa,  
Que o cinamomo,  
Quando matiza  
Coa folha a flor.  
Vênus não chega  
Ao meu amor.

Vasta campina,  
De trigo cheia,  
Quando na sesta  
Co vento ondeia,  
Ao seu cabelo,  
Quando flutua,  
Não é igual.





Tem a cor negra  
Mas quanto val!

Os astros, que andam  
Na esfera pura,  
Quando cintilam  
Na noite escura,  
Não são, humanos,  
Tão lindos como  
Seus olhos são,  
Que ao Sol excedem  
Na luz que dão.

Às brancas faces  
Ah! não se atreve  
Jasmim de Itália,  
Nem inda a neve,  
Quando a desata  
O Sol brilhante  
Com seu calor.  
São neve e causam  
No peito ardor.

Na breve boca  
Vejo enlaçadas  
As finas perlas  
Com as granadas;  
A par dos beijos,  
Rubins da Índia  
Têm preço vil.







Neles se agarram  
Amores mil.

Se não lhe desse,  
Compadecido,  
Tanto socorro  
O Deus Cupido;  
Se não vivera  
Uma esperança  
No peito seu,  
Já morto estava  
O bom Dirceu.

Vê quanto pode  
Teu belo rosto  
E de gozá-lo  
O vivo gosto!  
Que, submergido  
Em um tormento  
Quase infernal,  
Porqu'inda espero,  
Resisto ao mal.

#### Lira XXVIII

Detém-te, vil humano;  
Não espremas cicutas  
Para fazer-me dano.  
O sumo que elas dão é pouco forte:  
Procura outras bebidas  
Que apressem mais a morte.





Desce ao Reino profundo,  
Ajunta aí venenos  
Que nunca visse o mundo;  
Traz o negro licor, que têm nos dentes,  
Nos dentes retorcidos  
As raivosas serpentes.

Cachopo levantado,  
Que pôs a Natureza  
Dentro no Mar salgado,  
Não se abala no meio da tormenta,  
Bem que uma onda e outra onda  
Sobre ele em flor rebenta.

Árvore, que na terra  
As robustas raízes,  
Buscando o centro, aferra,  
Não teme ao furacão mais violento;  
E menos, se se deixa  
Vergar do rijo vento.

Sou tronco é rocha, ó bela,  
Que açoita o Sul, que brama,  
E o mar que se encapela.  
Não temas que do rosto a cor se mude;  
Vence as rochas e os troncos  
A sólida virtude.

A maior desventura



É sempre a que nos lança  
No horror da sepultura;  
O cobarde a morrer também caminha;  
Com que males não pode  
Uma alma como a minha?

**Lira XXIX**

Eu descubro procurar-me  
Gentil mancebo e louro;  
Trazia a testa adornada,  
Com folhas de verde louro.  
Vejo ser o Pai das Musas,  
E me entrega a lira d'ouro.

“Já basta”, me diz, “ó filho,  
Já basta de sentimento;  
O cansado peito exige  
Um breve contentamento:  
Louva a formosa Marília  
Ao som do meu instrumento”.

Firo as cordas; mas que importa?  
A dor não sossega entanto:  
Ergo a voz; então reparo  
Que, quanto mais corre o pranto,  
É mais doce e mais sonoro  
Meu terno e saudoso canto.

Apolo fitou os olhos  
Na mão que regia o braço;





E depois de estar suspenso,  
De me ouvir um largo espaço,  
Assim diz: "O Deus Cupido,  
Faz inda mais, do que eu faço".

"Eu te dou a minha lira:  
Louva, louva a tua Bela;  
Porém vê que ta concedo  
Com condição e cautela"...  
Eu lhe corto a voz dizendo,  
Que só canto em honra dela.

#### Lira XXX

O Pai das Musas,  
O Pastor louro  
Deu-me, Marília,  
Para cantar-te  
A lira de ouro.

As cordas firo;  
O brando vento  
Teus dotes leva  
Nas brancas asas  
Ao firmamento.

"O teu cabelo  
Vale um tesouro;  
Um só me adorna  
A sábia frente  
Melhor que o louro.





Nesses teus olhos  
Amor assiste;  
Deles faz guerra;  
Ninguém lhe foge,  
Ninguém resiste.

Algumas vezes  
Eu o diviso,  
Também oculto  
Nas lindas covas  
Que faz teu riso.

Nesses teus peitos  
Têm os seus ninhos  
Destros amores;  
Neles se geram  
Os Cupidinhos.

Vences a Vênus,  
Quando com arte  
As armas toma,  
Por que mais prenda  
Ao fero Marte".

Eu produzia  
Essas ideias,  
Quando, Marília,  
O som escuto  
Das vis cadeias.





Dou um suspiro,  
Corre o meu pranto;  
E, inda bebendo  
Lágrimas tristes,  
De novo canto:

“Sou da constância  
Um vivo exemplo:  
E vós, ó ferros,  
Honrareis inda  
De Amor o Templo”.

#### Lira XXXI

Roubou-me, ó minha Amada, a sorte impia  
Quanto de meu gozava  
Num só funesto dia:  
Honras de maioral, manada grossa,  
Fértil, extensa herdade,  
Bem reparada choça.

Meteu-me nesta infame sepultura,  
Que é sepulcro sem honras,  
Breve masmorra, escura.

Aqui, ó minha Amada, nem consigo  
Venha outro desgraçado  
Sentir também comigo.

Mas se essa companhia não mereço,  
Os Deuses me dão outra,



Inda de mais apreço.

Não é, não, ilusão o que te digo;  
Tu mesma me acompanhas;  
Peno, mas é contigo.

Não vejo as tuas faces graciosas,  
Os teus soltos cabelos,  
As tuas mãos mimosas.

Se eu as visse, infeliz me não dissera,  
Bem que subira ao Potro  
Bem que na Cruz pendera.

Não ouço as tuas vozes magoadas,  
Com ardentes suspiros  
Às vezes mal formadas.

Mas vejo, ó cara, as tuas letras belas;  
Uma por uma beijo  
E choro então sobre elas.

Tu me dizes que siga o meu destino;  
Que o teu amor, na ausência  
Será leal e fino.

De novo a carta ao coração aperto,  
De novo a molha o pranto,  
Que de ternura verto.

Ah! leve muito embora o duro Fado



A tudo quanto tenho  
Com meu suor ganhado!

Eu juro que do roubo nem me queixe,  
Contanto, ó minha cara,  
Que este só bem me deixe.

Que males voluntários não subiram,  
Os que te amam, somente  
Por que ao menos te ouviram?

Dê pois aos mais seus bens a Deusa cega;  
Que eu tenho aquela glória,  
Que a mil felizes nega.

#### Lira XXXII

Se o vasto mar se encapela  
E na rocha em flor rebenta,  
Grossa nau, que não tem leme,  
Em vão sustentar-se intenta;  
Até que naufraga e corre  
À discrição da tormenta.

Quem não tem uma Beleza  
Em que ponha o seu cuidado,  
Se o Céu se cobre de nuvens  
E se assopra o vento irado,  
Não tem forças que resistam  
Ao impulso do seu fado.







Nesta sombria masmorra,  
Aonde, Marília, vivo,  
Encosto na mão o rosto,  
Fico às vezes pensativo.  
Ah! que imagens tão funestas  
Me finge o pesar ativo!

Parece que vejo a honra,  
Marília, toda enlutada;  
A face de um pai, rugosa,  
Num mar de pranto banhada;  
Os amigos macilentos  
E a família consternada.

Quero voltar os meus olhos  
Para outro diverso lado:  
Vejo numa grande Praça  
Um teatro levantado;  
Vejo as Cruzes, vejo os Potros,  
Vejo o Alfanje afiado.

Um frio suor me cobre,  
Lassam-se os membros, suspiro;  
Busco alívio às minhas ânsias,  
Não o descubro, deliro.  
Já, meu Bem, já me parece  
Que nas mãos da morte expiro.

Vem-me então ao pensamento  
A tua testa nevada,





Os teus meigos, vivos olhos,  
A tua face rosada,  
Os teus dentes cristalinos,  
A tua boca engraçada.

Qual, Marília, a estrela d'alva,  
Que a negra noite afugenta;  
Qual o Sol, que a névoa espalha,  
Apenas a terra aqueça;  
Ou qual Íris, que o Céu limpa,  
Quando se vê na tormenta.

Assim, Marília, desterro  
Triste ilusão e demência;  
Faz de novo o seu ofício  
A razão e a prudência;  
E firmo esperanças doces  
Sobre a cândida inocência.

Restauro as forças perdidas,  
Sobe a viva cor ao rosto,  
Gira o sangue pela veia  
E bate o pulso, composto.  
Vê, Marília, o quanto pode  
Contra meus males teu rosto!

#### Lira XXXIII

Morri, ó minha Bela:  
Não foi a Parca impia,  
Que na tremenda roca,



Sem ter descanso, fia;  
Não foi, digo, não foi a morte feia  
Quem o ferro moveu e abriu no peito  
A palpitante veia.

Eu, Marília, respiro;  
Mas o mal que suporto  
É tão tirano e forte  
Que já me dou por morto:  
A insolente calúnia depravada  
Ergueu-se contra mim, vibrou da língua  
A venenosa espada.

Inda, ó bela, não vejo  
Cadafalso enlutado,  
Nem de torpe verdugo  
Braço de ferro armado;  
Mas vivo neste mundo, ó sorte impia!  
E dele só me mostra a estreita fresta  
O quando é noite ou dia.

Olhos baços, sumidos,  
Macilento, escarnado,  
Barba crescida e hirsuta,  
Cabelo desgrenhado;  
Ah! que imagem tão digna de piedade!  
Mas é, minha Marília, como vive  
Um Réu de Majestade.

Venha o processo, venha,





Na inocência me fundo;  
Mas não morreram outros  
Que davam honra ao mundo?  
O tormento, minha alma, não recuses:  
A quem, sábio, cumpriu as leis sagradas  
Servem de sólio as cruzes.

Tu, Marília, se ouvires  
Que ante o teu rosto aflito  
O meu nome se ultraja  
Co suposto delito,  
Dize, severa, assim em meu abono:  
“Não toma as armas contra um cetro justo  
Alma digna de um trono”.

#### Lira XXXIV

Vou-me, ó bela, deitar na dura cama,  
De que nem sequer sou o pobre dono;  
Estende sobre mim Morfeu as asas  
E vem ligeiro o sono.

Os sonhos, que rodeiam a tarimba,  
Mil coisas vão pintar na minha ideia;  
Não pintam cadafalsos, não, não pintam  
Nenhuma imagem feia.

Pintam que estou bordando um teu vestido;  
Que um menino com asas, cego e louro,  
Me enfia nas agulhas o delgado,  
O brando fio de ouro.





Pintam que entrando vou na grande Igreja;  
Pintam que as mãos nos damos e aqui vejo  
Subir-te à branca face a cor mimosa,  
A viva cor do pejo.

Pintam que nos conduz dourada sege  
À nossa habitação; que mil amores  
Desfolham sobre o leito as moles folhas  
Das mais cheirosas flores.

Pintam que dessa terra nos partimos;  
Que os amigos, saudosos e suspensos,  
Apertam nos inchados, roxos olhos  
Os já molhados lenços.

Pintam que os mares sulco da Bahia,  
Onde passei a flor da minha idade;  
Que descubro as palmeiras e em dois bairros  
Partida a grã cidade.

Pintam leve escaler e que na prancha  
O braço já te of'reço, reverente;  
Que te aponta co dedo, mal te avista,  
Amontoada gente.

Aqui, "Alerta!" grita o mau soldado;  
E o outro, "Alerta estou!" lhe diz gritando.  
Acordo com a bulha..., então conheço  
Que estava aqui sonhando.





Se o meu crime não fosse só de amores,  
A ver-me delinquente, réu de morte,  
Não sonhara, Marília, só contigo,  
Sonhara de outra sorte.

**Lira XXXV**

Se lá te chegarem  
Aos ternos ouvidos  
Uns tristes gemidos,  
Repara, Marília,  
Verás que são meus.

Ah! dá-lhes abrigo,  
Marília, nos peitos;  
Aqui os conserva  
Em laços estreitos,  
Unidos aos teus.

O vento ligeiro,  
De ouvi-los movido,  
Os pede a Cupido,  
Que a todos apanha,  
E lá tos vai pôr.

Ah! não os desprezes!  
Porque se conspira  
O Céu em meu dano,  
E a glória me tira  
De honrado Pastor.

Têm estes suspiros





Motivo dobrado:

Perdi o meu gado;  
Perdi, que mais vale,  
O bem de te ver.

Se os não receberes,  
Amante por ora,  
Por serem de um triste,  
Os deves, Pastora,  
Por honra acolher.

Virá, minha bela,  
Virá uma idade,  
Que, vista a verdade,  
Gostosa me entregues  
O teu coração.

Os crimes desonram,  
Se são existentes;  
Os ferros que oprimem  
As mãos inocentes  
Infames não são.

Chegando esse dia,  
Os braços daremos.  
Então mandaremos  
De gosto e ternura  
Suspiros aos Céus.

Pôr-me-ão no sepulcro  
A honrosa inscrição:  
"Se teve delito,  
Só foi a paixão,



Que a todos faz réus”.

**Lira XXXVI**

Não hás de ter horror, minha Marília,  
De tocar pulso que sofreu os ferros?  
Infames impostores mos lançaram  
E não puníveis erros.

Esta mão, esta mão, que ré parece,  
Ah! não foi uma vez, não foi só uma,  
Que em defesa dos bens, que são do Estado,  
Moveu a sábia pluma.

É certo, minha amada, sim é certo  
Qu'eu aspirava a ser de um Cetro o dono;  
Mas esse grande império, que eu firmava,  
Tinha em teu peito o trono.

As forças que se opunham não batiam  
De grossa peça, de mosquete os tiros;  
Só eram minhas armas os soluços,  
Os rogos e os suspiros.

De cuidados, desvelos e finezas  
Formava, ó minha bela, os meus guerreiros.  
Não tinha no meu campo estranhas tropas,  
Que amor não quer parceiros.

Mas pode ainda vir um claro dia  
Em que estas vis algemas, estes laços





Se mudem em prisões, de alívios cheias,  
Nos teus mimosos braços.

Vaidoso então direi: “Eu sou Monarca!  
Dou leis, que é mais, num coração divino.  
Sólio que ergueu o gosto e não a força,  
É que é de apreço dino”.

**Lira XXXVII**

Meu sonoro Passarinho,  
Se sabes do meu tormento  
E buscas dar-me, cantando,  
Um doce contentamento,

Ah! não cantes mais, não cantes,  
Se me queres ser propício;  
Eu te dou em que me faças  
Muito maior benefício.

Ergue o corpo, os ares rompe,  
Procura o Porto da Estrela,  
Sobe à serra e, se cansares,  
Descansa num tronco dela.

Toma de Minas a estrada,  
Na Igreja nova, que fica  
Ao direito lado, e segue  
Sempre firme a Vila Rica

Entra nesta grande terra,





Passa uma formosa ponte,  
Passa a segunda, a terceira  
Tem um palácio defronte.

Ele tem ao pé da porta  
Uma rasgada janela,  
É da sala, aonde assiste  
A minha Marília bela.

Para bem a conheceres,  
Eu te dou os sinais todos  
Do seu gesto, do seu talhe,  
Das suas feições e modos.

O seu semblante é redondo,  
sobrancelhas arqueadas,  
Negros e finos cabelos  
Carne de neve formadas.

A boca risonha e breve,  
Suas faces cor-de-rosa,  
Numa palavra, a que vires  
Entre todas mais formosa.

Chega então ao seu ouvido,  
Dize que sou quem te mando,  
Que vivo nesta masmorra,  
Mas sem alívio penando.



Lira XXXVIII

Eu vejo aquela Deusa,  
Astreia pelos Sábios nomeada;  
Trás nos olhos a venda,  
Balança numa mão, na outra espada.  
O vê-la não me causa um leve abalo,  
Mas antes, atrevido,  
Eu a vou procurar e assim lhe falo:

“Qual é o povo, dize,  
Que comigo concorre no atentado?  
Americano Povo!  
O Povo mais fiel e mais honrado!  
Tira as Praças das mãos do injusto dono,  
Ele mesmo as submete  
De novo à sujeição do Luso Trono!

Eu vejo nas histórias  
Rendido Pernambuco aos Holandeses;  
Eu vejo saqueada  
Essa ilustre Cidade dos Franceses;  
Lá se derrama o sangue brasileiro;  
Aqui não basta, supre  
Das roubadas famílias o dinheiro.”

Enquanto assim falava,  
Mostrava a Deusa não me ouvir com gosto;  
Punha-me a vista tesa,  
Enrugava o severo e aceso rosto.  
Não suspendo contudo no que digo;



Sem o menor receio,  
Faço que a não entendo e assim prossigo:

“Acabou-se, tirana,  
A honra, o zelo deste Luso Povo?  
Não é aquele mesmo  
Que estas ações obrou? É outro novo?  
E pode haver direito que te mova  
A supor-nos culpados,  
Quando em nosso favor conspira a prova?

Há em Minas um homem,  
Ou por seu nascimento ou seu tesouro,  
Que aos outros mover possa  
À força de respeito, à força d'ouro?  
Os bens de quantos julgas rebelados  
Podem manter na guerra,  
Por um ano sequer, a cem soldados?

Ama a gente assisada  
A honra, a vida, o cabedal tão pouco?  
Que ponha uma ação dessas  
Nas mãos dum pobre, sem respeito e louco?  
E quando a comissão lhe confiasse,  
Não tinha pobre soma,  
Que por paga ou esmola, lhe mandasse!

Nos limites de Minas,  
A quem se convidasse não havia?  
Ir-se-iam buscar sócios



Na Colônia também ou na Bahia?  
Está voltada a Corte brasileira  
Na terra dos Suíços,  
Onde as Potências vão erguer bandeira?

O mesmo autor do insulto  
Mais a riso, do que a terror me move;  
Deu-lhe nesta loucura,  
Podia-se fazer Netuno ou Jove.  
A prudência é tratá-lo por demente;  
Ou prendê-lo ou entregá-lo,  
Para dele zombar a moça gente.

Aqui, aqui a Deusa  
Um extenso suspiro aos ares solta;  
Repete outro suspiro  
E, sem palavra dar, as costas volta.  
“Tu te irritas?”, lhe digo, “e quem te ofende?  
Ainda nada ouviste  
Do que respeita a mim; sossega, atende!

E tinha que ofertar-me  
Um pequeno, abatido e novo Estado,  
Com as armas de fora,  
Com as suas próprias armas consternado?  
Achas também que sou tão pouco esperto,  
Que um bem tão contingente  
Me obrigasse a perder um bem já certo?

Não sou aquele mesmo





Que a extinção do débito pedia?

Já viste levantado

Quem à sombra da paz alegre, ria?

Um direito arriscado eu busco e feio,

E quero que se evite

Toda a razão do insulto e todo o meio?

Não sabes quanto apresso

Os vagarosos dias da partida?

Que a fortuna, risonha,

A mais formosos campos me convida?

Não me unira, se os houvesse aos vis traidores;

Daqui nem ouro quero;

Quero levar somente os meus amores.

Eu, ó cega, não tenho

Um grosso cabedal, do pais herdado;

Não o recebi no emprego,

Nem tenho as instruções dum bom Soldado.

Far-me-iam os rebeldes o primeiro

No Império que se erguia

À custa do seu sangue e seu dinheiro!"

Aqui, aqui, de todo

A Deusa se perturba e mais se altera;

Morde o seu próprio beijo;

O sítio deixa, nada mais espera.

"Ah! vai-te", então lhe digo, "vai-te embora".

Melhor, minha Marília,

Eu gastasse contigo mais esta hora.



### PARTE III

#### Lira I

Convidou-me a ver seu Templo  
O cego Cupido um dia:  
Encheu-se de gosto o peito,  
Fiz desse Deus um conceito,  
Como dele não fazia.

Aqui vejo, descorados,  
Os terníssimos amantes  
Entre as cadeias gemerem;  
Vejo nas piras arderem  
As entranhas palpitantes.

“A quem ama, quanto avista”,  
Diz Cupido, “não aterra;  
Quem quer cingir o loureiro  
Também vai sofrer primeiro  
Todo o trabalho da guerra.

Contudo, que te dilates.  
Neste sítio não convenho;  
Deixa a estância lastimosa,  
Vem ver a Sala formosa  
Aonde o meu Sólido tenho”.

Entro noutra grande templo:  
Que perspectiva tão grata!



Tudo quanto nele vejo  
Passa além do meu desejo  
E o discurso me arrebatava.

É de mármore e de jaspe  
O soberbo frontispício;  
É todo por dentro d'ouro;  
E a um tão rico tesouro  
Inda excede o artifício.

As janelas não se adornam  
De sedas de finas cores:  
Em lugar dos cortinados,  
Estão presos e enlaçados  
Festões de mimosas flores.

Em torno da Sala Augusta  
Ardem dourados braseiros,  
Queimam resinas que estalam  
E, postas em fumo, exalam  
Da Pancaia os gratos cheiros.

Ao pé do Trono, os seus Gênios  
Alegres hinos entoam;  
Dançam as Graças formosas  
E aqui as Horas gostosas  
Em vez de correrem, voam.

Estão sobre o pavimento,  
Igualmente reclinados







Nos colos dos seus amores,  
Os grandes Reis e os Pastores  
De frescas rosas coroados.

Mal o acordo restauro,  
Me diz o Moço risonho:  
“Como ainda não reparas  
Em tantas coisas tão raras  
De que este Templo componho?

Sabes a história de Jove?  
Aqui tens o manso Touro,  
Tens o Cisne decantado,  
A velha em que foi mudado,  
Com a grossa chuva d’ouro.

Aplica, Dirceu, agora  
Os olhos para esta parte;  
Aqui tens o verde Louro  
Que inda estima o Pastor louro;  
E a Rede que enlaça a Marte.

Vês este Arco destramente  
De branco marfim ornado?  
À casta Deusa servia  
E o perdeu quando dormia  
Do gentil Pastor ao lado.

Vês esta Lira? com ela  
Tira Orfeu ao bem querido





Dos infernos onde estava.  
Vês este Farol? guiava  
Ao meu nadador de Abido.

Vês estas duas Espadas  
Ainda de sangue cheias?  
A Tisbe e a Dido mataram;  
E os fortes pulsos armaram  
De Píramo e mais de Eneias.

Sabes quem vai no navio,  
Que nesse mar se levanta?  
É Teseu. Vês esse pomo?  
É de Cípide, assim como  
São aqueles de Atalanta.

Vê agora estes retratos,  
Que destros pincéis fizeram.  
Ah! que pinturas divinas!  
Todos são das Heroínas  
Que mais vitórias me deram.

Repara nesse semblante:  
É o semblante de Helena;  
Lá se avista a Grega Armada,  
E aqui de Troia abrasada  
Se mostra a funesta cena.

Vês est'outra formosura?  
É a bela Deidamia;





Lá tens Aquiles ao lado,  
De uma saia disfarçado,  
Como com ela vivia.

Cleópatra é quem se segue:  
Ali tens lançado a linha  
Marco Antônio sossegado,  
Ao tempo em que Augusto, irado,  
Com armada mão caminha.

Aqui Hérnia se figura;  
Vê um Sábio dos maiores,  
Qual infame delinquente,  
Ir desterrado, somente  
Por cantar os seus louvores.

Este é de Ônfale o retrato;  
Aqui tens (quem o diria!)  
Ao grande Hércules sentado  
Com as mais damas no estrado,  
Onde em seu obséquio fía.

Anda agora a est'outra parte:  
Conheces, Dirceu, aquela?"  
"Onde vais?" lhe digo, "explica  
Que beleza aqui nos fica,  
Sem fazeres caso dela?"

Ergo os olhos, ponho a vista  
Na imagem não explicada:





“Oh! quanto é digna de apreço!”

Mal exclamo assim, conheço  
Ser a minha doce amada.

O coração pelos olhos  
Em terno pranto saía  
E no meu peito saltava;  
Disfarçado, Amor olhava  
Para mim a furto e ria.

Depois de passado tempo,  
A mim se chega e me abala;  
Desperto de tanto assombro,  
Ele bate no meu ombro  
E assim afável me fala:

“Sim, caro Dirceu, é esta  
A divina formosura,  
Que te destina Cupido;  
Aqui tens o laço urdido  
Da tua imortal ventura.

O Númen, Dirceu, o Númen,  
Que os trabalhos de um humano  
Desta sorte felicita,  
Não é, como se acredita,  
Não é um Númen tirano.

Olha se a cega Fortuna,  
De tudo quanto se cria





Ou nos mares ou na terra,  
Em o seu tesouro encerra  
Outro bem de mais valia?

Lisas faces cor-de-rosa,  
Brancos dentes, olhos belos,  
Grossos beijos encarnados,  
Pescoço e peitos nevados,  
Negros e finos cabelos.

Não vale mais que cingires,  
Com braço de sangue imundo,  
Na cabeça o verde louro  
Do que teres montes d'ouro?  
Do que dares leis ao mundo?

Ah! ensina, sim, ensina  
Ao vil mortal atrevido  
E ao peito que adora, terno,  
Que tem para um o Inferno,  
Para outro um Céu, Cupido”.

Ao resto Amor me convida;  
Eu chorando, a mão lhe beijo,  
E lhe digo: “Amor, perdoa  
Não seguir-te, pois não voa  
A ver mais o meu desejo”.

## Lira II

Em vão do amado





filho que foge,  
Vênus quer hoje  
notícias ter.

Sagaz e astuto  
ele se esconde  
em parte aonde  
ninguém o vê.

Dos sinais dados,  
bem se conhece  
que ele aborrece  
a Mãe que tem.

Se os seus defeitos  
Ela publica,  
razão lhe fica  
de se ofender.

Foge o Menino  
e, disfarçado,  
vive abrigado  
numa cruel.

Com mil carícias  
a ímpia o trata;  
nem o desata  
do peito seu.

Se a semelhança



sempre amor gera,  
deve uma fera  
outra acolher.

Ah! se o teu nome,  
Marília, calo,  
que de ti falo  
bem podes crer.

### Lira III

Tu não verás, Marília, cem cativos  
Tirarem o cascalho e a rica terra,  
Ou dos cercos dos rios caudalosos  
Ou da minada Serra.

Não verás separar ao hábil negro  
Do pesado esmeril a grossa areia  
E já brilharão os granetes de ouro  
No fundo da bateia.

Não verás derrubar os virgens matos,  
Queimar as capoeiras inda novas,  
Servir de adubo à terra fértil cinza,  
Lançar os grãos nas covas.

Não verás enrolar negros pacotes  
Das secas folhas do cheiroso fumo;  
Nem espremer entre as dentadas rodas  
Da doce cana o sumo.





Verás em cima da espaçosa mesa  
Altos volumes de enredados feitos;  
Ver-me-ás folhear os grandes livros  
E decidir os pleitos.

Enquanto revolver os meus Consultos,  
Tu me farás gostosa companhia,  
Lendo os fastos da sábia, mestra História,  
E os cantos da poesia.

Lerás em alta voz a imagem bela;  
Eu, vendo que lhe dás o justo apreço,  
Gostoso tornarei a ler de novo  
O cansado processo.

Se encontrares louvada uma beleza,  
Marília, não lhe invejes a ventura  
Que tens quem leve à mais remota idade  
A tua formosura.

#### Lira IV

Amor por acaso  
A um pouso chegava,  
Aonde acolhida  
A Morte se achava.

Risonhos e alegres,  
Os braços se deram  
E as armas unidas  
Num sítio puseram.







De empresas tamanhas  
Cansados já vinham  
E em larga conversa  
A noite entretinham.

Um conta que há pouco  
A seta aguçada  
Em uma beleza  
Deixara empregada.

Diz outro que as flechas  
Cravara no peito  
De um grande que teve  
O Mundo sujeito.

Enquanto das forças  
Cada um presumia,  
Seus membros já lassos  
O sono rendia.

Dormindo tranquilos,  
A noite passaram,  
E inda antes da Aurora  
Com ânsia acordaram.

“É tempo que o leito  
Deixemos, ó Morte”,  
Amor, já erguido,  
Falou desta sorte.





“É tempo”, em reposta  
A Morte repete,  
“Que à nossa fadiga  
dormir não compete.

As armas colhamos,  
Voltemos ao giro:  
Cada um a seu gosto  
Empregue o seu tiro”.

Vão inda, cos olhos  
Em sono turbados,  
Ao sítio em que os ferros  
Estão pendurados.

Amor para as setas  
da Morte se enclina;  
De Amor logo a Morte  
Coas flechas atina.

Oh! golpes tiranos!  
Oh! mãos homicidas!  
São tiros da Morte  
De Amor as feridas.

De um sonho, que pinto,  
Marília, conhece  
Se amor ou se morte  
esta alma padece.



## Lira V

Eu não sou, minha Nise, pegureiro  
Que viva de guardar alheio gado;  
Nem sou pastor grosseiro,  
Dos frios gelos e do sol queimado,  
Que veste as pardas lãs do seu cordeiro.

Graças, ó Nise bela,  
Graças à minha Estrela!

A Cresso não igualo no tesouro;  
Mas deu-me a Sorte com que honrado viva.

Não cinjo coroa d'ouro;  
Mas Povos mando e na testa altiva  
Verdeja a coroa do sagrado louro.

Graças, ó Nise bela,  
Graças à minha Estrela!

Maldito seja aquele que só trata  
De contar, escondido, a vil riqueza,  
Que, cego, se arrebatava  
Em buscar nos Avós a vã nobreza,  
Com que aos mais homens, seus iguais, abata.

Graças, ó Nise bela,  
Graças à minha Estrela!

As fortunas, que em torno de mim vejo,  
Por falsos bens, que enganam, não reputo;

Mas antes mais desejo:  
Não para me voltar soberbo em bruto,  
Por ver-me grande, quando a mão te beijo.



Graças, ó Nise bela,  
Graças à minha Estrela!

Pela Ninfa, que jaz vertida em Louro,  
O grande Deus Apolo não delira?  
Jove, mudado em Touro  
E já mudado em velha não suspira?  
Seguir aos Deuses nunca foi desdouro.

Graças, ó Nise bela,  
Graças à minha Estrela!

Pertendam Anibais honrar a História,  
Cinjam com a mão, de sangue cheia,  
Os louros da vitória;  
Eu revolvo os teus dons na minha ideia:  
Só dons que vêm do céu são minha glória.  
Graças, ó Nise bela,  
Graças à minha Estrela!

#### Lira VI

*(Tradução)*  
Amor, que seus passos  
Ligeiro movia  
Por mil embaraços  
que um bosque tecia,

Nos ombros me acena  
Com brando raminho;  
E logo me ordena  
Que siga o caminho.





Por entre a espessura  
Do bosque me avanço;  
E atrás da ventura,  
Incauto, me lanço.

Já tinha calcado  
Os montes mais duros,  
co peito rasgado  
os rios escuros:

Eis que uma serpente,  
A língua vibrando,  
Me crava o seu dente,  
Me deixa expirando.

Então, surpreendida  
Da dor que a traspassa,  
Minha alma ferida  
Aos beijos se passa.

As iras detesta  
Amor. Isso vendo,  
E as asas na testa  
Me bate, dizendo:

“Tu choras, tu gemes,  
da serpe tocado,  
e o braço não temes  
de um Númen irado?”



## Lira VII

Tu, formosa Marília, já fizeste  
Com teus olhos ditosas as campinas  
Do turvo Ribeirão em que nasceste.

Deixa, Marília, agora

As já lavradas serras:

Anda, afoita, romper os grossos mares,  
Anda encher de alegria estranhas terras;

Ah! que por ti suspiram

Os meus saudosos lares!

Não corres como Safo sem ventura,  
Em seguimento de um cruel ingrato,  
Que não cede aos encantos da ternura;

Segues um fino amante,

Que, a perder-te, morria.

Quebra os grilhões do sangue e vem, ó bela;

Tu já foste no Sul a minha guia,

Ah! debes ser no Norte

Também a minha Estrela.

Verás ao Deus Netuno sossegado,  
Aplainar co tridente as crespas ondas  
Ficar como dormindo o mar salgado;

Verás, verás, d'alheta

Soprar o brando vento;

Mover-se o leme, desrinzar-se o linho,

Seguirem os Delfins o movimento

Que leva na carreira

O empavesado pinho.





Verás como o Leão, na proa arfando,  
Converte em branca espuma as negras ondas,  
e as talha e corta com murmúrio brando;

Verás, verás, Marília,  
Da janela dourada,  
Que uma comprida estrada representa  
A linfa cristalina, que, pisada  
Pela popa que foge,  
Em borbotões rebenta.

Bruto peixe verás de corpo imenso  
Tornar ao torto anzol, depois de o terem  
Pela rasgada boca ao ar suspenso;  
Os pequenos peixinhos  
Quais pássaros voarem;  
De toninhas verás o mar coalhado,  
Ora surgirem, ora mergulharem,  
Fingindo ao longe as ondas,  
Que forma o vento irado.

Verás que o grande monstro se apresenta,  
Um repuxo formando com as águas  
Que ao ar espalha da robusta venta;  
Verás, enfim, Marília,  
As nuvens levantadas,  
Umas de cor azul ou mais escuras,  
Outras de cor-de-rosa ou prateadas,  
Fazerem no Horizonte  
Mil diversas figuras.





Mal chegares à foz do claro Tejo,  
Apenas ele vir o teu semblante,  
Dará no leme do baixel um beijo.

Eu lhe direi, vaidoso:

“Não trago, não, comigo,  
Nem pedras de valor, nem montes d’ouro;  
Roubei as áureas minas e consigo  
Trazer para os teus cofres  
Este maior Tesouro”.

#### Lira VIII

Em cima dos viventes fatigados  
Morfeu as dormideiras espremia;  
Os mentirosos sonhos me cercavam;  
Na vaga fantasia  
Ao vivo me pintavam  
As glórias, que, desperto,  
Meu coração pedia.

Eu vou, eu vou subindo a Nau possante,  
Nos braços conduzindo a minha bela;  
Volteia a grande roda e a grossa amarra  
Se enleia em torno dela;  
Já ponho a proa à barra;  
Já cai ao som do apito  
Ora uma ora outra vela.

Os arvoredos já se não distinguem;  
A longa praia ao longe não branqueja;







E já se vão sumindo os altos montes,  
Já não há que se veja  
Nos claros Horizontes,  
Que não sejam vapores,  
Que Céu, e mar não seja.

Parece vão correndo as negras águas  
E o pinho, qual rochedo, estar parado;  
Ergue-se a onda, vem à Nau direita  
E quebra no costado;  
O Navio se deita,  
E ela finge a ladeira  
Saindo do outro lado.

Vejo nadarem os brilhantes peixes,  
Cair do lais a linha que os engana;  
Um, dourado, no anzol está pendente,  
Sofre morte tirana;  
Entretanto que a sente,  
Ao tombadilho açoita  
A cauda e a barbatana.

Sobre as ondas descubro uma Carroça,  
De formosas conchinhas enfeitada;  
Delfins a movem, e vem Tétis nela;  
Na proa está parada;  
Nem pode a Deusa bela  
Tirar os brandos olhos  
Da minha doce amada.





Nas costas dos Golfinhos vêm montados  
Os nus Tritões, deixando a Esfera cheia  
Com o rouco som dos búzios retorcidos.

Recreia, sim, recreia  
Meus atentos ouvidos  
O canto sonoro  
Da música Sereia.

Já sobe ao grande mastro o bom gajeiro,  
Descobre arrumação e grita "Terra!"  
À murada caminha, alegre, a gente;  
Alguns entendem que erra;  
Pelo imóvel somente  
Conheço não ser nuvem,  
Sim o cume d'alta serra.

De Mafra já descubro as grandes torres  
(E que nova alegria me arreбата!)  
De Cascais a muleta já vem perto,  
Já de abordar-nos trata;  
Já o piloto esperto,  
Inda debaixo, manda  
Soltar mezena e gata.

Eu vou entrando na espaçosa barra,  
A grossa artilharia já me atoa;  
Lá ficam Paço d'Arcos e a Junqueira;  
Já corre pela proa  
Uma amarra ligeira;  
E a Nau já fica surta



Diante da grã Lisboa.

Agora, agora sim, agora espero  
Renovar da amizade antigos laços.  
Eu vejo ao velho Pai, que lentamente  
Arrasta a mim os passos.  
Ah! com vem contente!  
De longe mal me avista,  
Já vem abrindo os braços.

Dobro os joelhos, pelos pés o aperto  
E manda que dos pés ao peito passe.  
Marília, quanto eu fiz, fazer intenta;  
Antes que os pés lhe abrace,  
Nos braços a sustenta;  
Dá-lhe de filha o nome,  
Beija-lhe a branca face.

Vou a descer a escada, oh! céus, acordo!  
Conheço não estar no claro Tejo;  
Abro os olhos, procuro a minha amada  
E nem sequer a vejo.  
Venha a hora afortunada,  
Em que não fique em sonhos  
Tão ardente desejo!

#### **A uma despedida**

Chegou-se o dia mais triste  
Que o dia da morte feia;





Caí do trono, Dirceia,  
Do trono dos braços teus.

Ah! não posso, não, não posso  
Dizer-te, meu bem, adeus!

Ímpio Fado, que não pôde  
Os doces laços quebrar-me,  
Por vingança quer levar-me  
Distante dos olhos teus.

Ah! não posso, não, não posso  
Dizer-te, meu bem, adeus!

Parto, enfim, e vou sem ver-te,  
Que neste fatal instante  
Há de ser o teu semblante  
Mui funesto aos olhos meus.

Ah! não posso, não, não posso  
Dizer-te, meu bem, adeus!

E crês, Dirceia, que devem  
Ver meus olhos penduradas  
Tristes lágrimas salgadas  
Correrem dos olhos teus?

Ah! não posso, não, não posso  
Dizer-te, meu bem, adeus!

De teus olhos engraçados,  
Que puderam, piedosos,  
De tristes em venturosos  
Converter os dias meus?



Ah! não posso, não, não posso  
Dizer-te, meu bem, adeus!

Desses teus olhos divinos,  
Que, terno e sossegados,  
Enchem de flores os prados,  
Enchem de luzes os Céus?

Ah! não posso, não, não posso  
Dizer-te, meu bem, adeus!

Destes teus olhos, enfim,  
Que domam Tigres valentes,  
Que nem rígidas Serpentes  
Resistem aos tiros seus?

Ah! não posso, não, não posso  
Dizer-te, meu bem, adeus!

Da maneira que seriam  
em não ver-te criminosos,  
Enquanto foram ditosos,  
Agora seriam réus.

Ah! não posso, não, não posso  
Dizer-te, meu bem, adeus!

Parto, enfim, Dirceia bela,  
Rasgando os ares cinzentos;  
Virão nas asas dos ventos  
Buscar-te os suspiros meus.

Ah! não posso, não, não posso  
Dizer-te, meu bem, adeus!





Talvez, Dirceia adorada,  
que os duros fados me neguem  
a glória de que eles cheguem  
aos ternos ouvidos teus.

Ah! não posso, não, não posso  
Dizer-te, meu bem, adeus!

Mas se ditosos chegarem,  
Pois os solto a teu respeito,  
Dá-lhes abrigo no peito,  
Junta-os cos suspiros teus.

Ah! não posso, não, não posso  
Dizer-te, meu bem, adeus!

E quando tornar a ver-te,  
Ajuntando rosto a rosto,  
Entre os que dermos de gosto,  
Restitui-me então os meus.

Ah! não posso, não, não posso  
Dizer-te, meu bem, adeus!

### Sonetos

I

É gentil, é prendada a minha Alteia;  
As graças, a modéstia de seu rosto  
Inspiram no meu peito maior gosto  
Que ver o próprio trigo quando ondeia.





Mas, vendo o lindo gesto de Dirceia,  
A nova sujeição me vejo exposto;  
Ah! que é mais engraçado, mais composto  
Que a pura Esfera, de mil astros cheia!

Prender as duas com grilhões estreitos  
É uma ação, ó Deuses, inconstante,  
Indigna de sinceros, nobres peitos.

Cupido, se tens dó de um triste amante,  
Ou forma de Lorino dois sujeitos  
Ou forma desses dois um só semblante.

## II

Num fértil campo de soberbo Douro,  
Dormindo sobre a relva, descansava,  
Quando vi que a Fortuna me mostrava,  
Com alegre semblante, o seu Tesouro.

De uma parte, um montão de prata e ouro  
Com pedras de valor o chão curvava;  
Aqui um cetro, ali um trono estava,  
Pendiam coroas mil de grama e louro.

“Acabou”, diz-me então, “a desventura:  
De quantos bens te exponho qual te agrada,  
Pois benigna os concedo, vai, procura”.

Escolhi, acordei e não vi nada:



Comigo assentei logo que a ventura  
Nunca chega a passar de ser sonhada.

III

Enganei-me, enganei-me – paciência!  
Acreditei às vozes, cri, Ormia,  
Que a tua singeleza igualaria  
À tua mais que angélica aparência.

Enganei-me, enganei-me – paciência!  
Ao menos conheci que não devia  
Pôr nas mãos de uma externa galhardia  
O prazer, o sossego e a inocência.

Enganei-me, Cruel, com teu semblante  
E nada me admiro de faltares,  
Que esse teu sexo nunca foi constante.

Mas tu perdeste mais em me enganares:  
Que tu não acharás um firme amante  
E eu posso de traidoras ter milhares.

IV

Ainda que de Laura esteja ausente,  
Há de a chama durar no peito amante;  
Que existe retratado o seu semblante,  
Se não nos olhos meus, na minha mente.







Mil vezes finjo vê-la e eternamente  
Abraço a sombra vã; só neste instante  
Conheço que ela está de mim distante,  
Que tudo é ilusão que esta alma sente.

Talvez que ao bem de a ver Amor resista;  
Porque minha paixão, que aos Céus é grata,  
Por inocente assim melhor persista;

Pois quando só na ideia ma retrata,  
Debuxa os dotes com que prende, vista,  
Esconde as obras com que ofende, ingrata.

v

Ao Templo do Destino fui levado:  
Sobre o altar um cofre se firmava,  
Em cujo seio cada qual buscava,  
Tremendo, anúncio do futuro estado.

Tiro um papel e leio – Céu Sagrado,  
Com quanta causa o coração pulsava!  
Esse duro Decreto escrito estava  
Com negra tinta pela mão do Fado:

“Adore Polidoro a bela Ormia,  
Sem dela conseguir a recompensa,  
Nem quebrar-lhe os grilhões à tirania”.



Das mãos Amor mo arranca e, sem detença,  
Três vezes o levando à boca ímpia,  
Jurou cumprir à risca a tal sentença.

## VI

Quantas vezes Lidora me dizia,  
Ao terno peito minha mão levando:  
“Conjurem-se em meu mal os Astros, quando  
Achares no meu peito aleivosia!”

Então que não chorasse lhe pedia,  
Por firme seu amor acreditando.  
Ah! que em movendo os olhos, suspirando,  
Ao mais acautelado enganaria!

Um ano assim viveu. Oh! céus! agora  
Mostrou que era mulher: a natureza,  
Só por não se mudar, a fez traidora.

Não, não darei mais cultos à beleza,  
Que, depois de faltar à fé Lidora,  
Nem creio que nas Deusas há firmeza.

## VII

O Númen Tutelar da Monarquia,  
Que fez do grande Henrique a invicta espada,  
Procurou dos Destinos a morada,  
Por consultar a idade que viria.



A mil e mil heróis descritos via,  
Que exaltam de Furtado a estirpe honrada,  
E na série, que adora, dilatada,  
O nome de Francisco descobria.

Contempla uma por uma as letras d'ouro;  
Este penhor, que o tempo não consome,  
Promete ao Reino seu maior tesouro.

Prostra-se o Gênio; e sem que a empresa tome  
De lhe buscar sequer mais outro agouro,  
O sítio beija e lhe mostra o nome.

## VIII

Nascer no berço da maior grandeza,  
De palmas e de louros rodeado,  
Deve-se aos grandes Pais, ao Tronco honrado,  
Que ilustra desde longe a natureza.

Se porém muito mais se adora e preza  
O dom que o nobre sangue traz herdado,  
Pela própria virtude sustentado,  
Feliz o objeto da presente empresa.

De mil heróis, no Tejo vencedores,  
Um ramo nasce, um ramo que a memória  
Faz imortal de seus Progenitores.  
Eu leio em vaticínio a sua história:



Une Francisco, a par de seus maiores,  
Ao herdado esplendor a própria glória.

IX

Mudou-se enfim Lidora, essa Lidora  
Por quem mil vezes fé me foi jurada.  
Que vos detém, ó céus, que castigada  
Ainda não deixais tão vil traidora?

Não haja piedade: sinta agora  
A dita sem remédio em mal trocada;  
Pois, se assim não sucede, fica ousada  
Para ser outra vez enganadora.

Vingai, ó justos céus..., mas ah! que digo?  
Que maltrateis Lidora? – o sentimento  
Privou-me do discurso; eu me desdigo.

Não, não vibreis o raio violento;  
Pois sei que a compaixão do seu castigo  
Há de aumentar depois o meu tormento.

X

Adeus, cabana, adeus; adeus, ó gado;  
Albina ingrata, adeus, em paz te deixo;  
Adeus, doce rabil; neste alto freixo  
Te fica, ao meu destino consagrado.



Se te for meu sucesso perguntado,  
não declares, rabil, de quem me queixo;  
não quero que se saiba vive Aleixo  
por causa de uma infame desterrado.

Se vires a Pastor desconhecido,  
lhe dize então piedoso: “Ah! vai-te embora,  
atalha os danos que outros têm sentido.

Habita nesta Aldeia uma Pastora,  
de rosto belo, coração fingido,  
umas vezes cruel e as mais traidora”.

## XI

Com pesadas cadeias maniatado,  
Às vozes da razão ensurdecido,  
Dos Céus, de mim, dos homens esquecido,  
Me vi de amor nas trevas sepultado.

Ali aliviava o meu cuidado  
Co dar de quando em quando algum gemido.  
Ah! tempo! Que, somente refletido,  
Me fazes entre as ditas desgraçado.

Assim vivia, quando a falsidade  
De Laura me tornou num breve dia  
Quanto a razão não pôde em longa idade:



Quebrei o vil grilhão que me oprimia!  
Oh! feliz de quem goza a liberdade,  
Bem que venha por mãos da aleivosia!

XII

Obrei quando o discurso me guiava:  
Ouvi aos Sábios quando errar temia;  
Aos bons no gabinete o peito abria,  
Na rua a todos como iguais honrava.

Julgando os crimes, nunca os votos dava  
Mais duro ou pio do que a Lei pedia;  
Mas podendo salvar ao justo, ria,  
E devendo punir ao réu, chorava.

Não foram, Vila Rica, os meus projetos  
Meter em férreo cofre cópia d'ouro  
Que chegue aos filhos e que passe aos netos;

Outras são as aventuras, que me agouro:  
Ganhei saudades, adquiri afetos,  
Vou fazer desses bens melhor tesouro.

XIII

Quando o torcido buço derramava  
Terror no aspecto ao Português sisudo,  
Quando, sem pó nem óleo, o pente agudo  
Duro, intonso, o cabelo em laço atava;





Quando contra os Irmãos o braço armava  
O forte Nuno, opondo escudo a escudo;  
Quando a palavra, que prefere a tudo,  
Com a barba arrancada, João firmava;

Quando a mulher à sombra do marido  
Tremar se via; quando a Lei prudente  
Zelava o sexo do civil ruído;

Feliz então, então só inocente  
Era de Luso o Reino. Oh! bem perdido!  
Ditosa condição, ditosa gente!



